

## Sobre Transições

*Krishan Kumar enfatiza que, “qualquer que seja o significado que a pós-modernidade possa assumir, tem que derivar, de alguma maneira, de um entendimento do que é modernidade” (Kumar, 1997:182). Para esse pensador, modernidade refere-se a criações econômicas, tecnológicas, políticas e, em muitos aspectos, intelectuais, das sociedades modernas no período transcorrido desde o século XVIII (ibidem:182). Distingue-se do termo “moderno” no sentido de que “ser moderno” transcende a noção de época ou período histórico com elemento explicativo das transformações sociais. Ser moderno era, para o homem medieval, uma ameaça à estrutura dos valores perenes, quando evocava alguma inovação ou modo de pensar ousado para médium tempus, para o qual Petrarca, considerado o “pai do humanismo”, cria o termo “Idade das Trevas”. Para esse período histórico e até mesmo para a Renascença, os termos moderni e modernitas tornam-se conceitos depreciativos. Depreciativos porque podem abalar a ordem, a estabilidade, a manutenção do poder da Igreja e de seus dogmas.*

Como registra Krishan Kumar, é conveniente distinguirmos os sentidos a que os termos modernidade e modernismo aludem. O primeiro, modernidade, é mais afeto à política e ideologia, enquanto o segundo, modernismo, situa-se mais na inspiração cultural e estética. *“O mesmo, porém, não se aplica às idéias de pós-modernidade. Não há uma tradição de uso a que possamos recorrer para diferenciar de forma coerente ‘pós-modernidade’ e ‘pós-modernismo’.* Ambos são usados mais ou menos um pelo outro” (Kumar, 1997:112).

O fato é que transições, mudanças nas formas de pensar e agir, sempre aconteceram ao longo da história das sociedades. Uma das características mais marcantes na passagem da Modernidade para a Pós-Modernidade, utilizando os termos de Sennett e Bauman, e que aponta para um sentido singular do que estamos vivenciando hoje, é que, ao contrário das transições anteriores, estamos imersos nesta. É a nossa realidade na atualidade. Ao lermos, discutirmos ou até mesmo analisarmos as transições anteriores, podemos ter a sensação de um ciclo que já foi fechado, conseguimos ter a noção do todo, do que significaram as mudanças para as pessoas daquela época. Já na Pós-Modernidade, os novos conceitos, tais como a relação tempo/espço, mobilidade e flexibilidade estão sendo construídos, dia após dia.

## 2.1

### A Modernidade

A origem da palavra Modernidade vem do latim *Modernus* derivado de *modo* que significa “recentemente”, “há pouco”. Foi usada inicialmente nos fins do século V d.C. como antônimo de *antiquus*. Mais tarde, termos como *modernitas* – “tempos modernos” e *moderni* – “homens de nosso tempo” – tornaram-se também comuns, sobretudo após o século X.

A Modernidade tem características próprias, não é apenas um produto de um período anterior. A Modernidade também tem sua própria dinâmica, anda com seus próprios pés, à medida que proporciona uma permanente revolução no pensamento e nas organizações sociais.

As mudanças, contudo, não emergiram do nada. Todas elas, ou a sua maior parte, devem-se ao processo de transformação sócio-econômico-cultural que vem acontecendo desde meados do século XX, mais precisamente, nos últimos 36 anos. Com a globalização, o mundo entrou no ciclo de uma história global. Não há mais fronteiras, o mercado aberto para negociações e a troca de informações se intensificaram com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa.

A princípio, quando ouvimos falar de globalização, associamos imediatamente a mudanças no campo econômico-financeiro. Contudo, não fica restrito somente a essa área; ela também traz mudanças significativas com profundo impacto na cultura e na sociedade de modo geral.

A globalização não é um fenômeno atual. A idéia de integração de diversas culturas e povos como “um mundo” já foi desejada há muito tempo e continua como meta para muitas gerações (Andrioli, 2003).

Para melhor compreensão, pode-se dividir o processo de globalização em três fases: a primeira compreende o período que vai do século XV, com a expansão mercantilista da economia do mundo, até meados no século XIX, período em que as grandes navegações foram o grande aporte. Um segundo momento vai de meados do século XIX aos fins do século XX com o expansionismo industrial. Por último, a globalização recente, tal e qual conhecemos e vivenciamos na atualidade que, por sua vez, foi acelerada pelo colapso da URSS e pela queda do muro de Berlim, abrange o período que vem de 1989 até os dias atuais.

Cada período mencionado anteriormente é carregado de transformações que, naqueles momentos, foram marcantes para a construção da história global do mundo. Enquanto no passado os instrumentos de integração foram a caravela, o galeão, o barco à vela, o barco a vapor e o trem, seguidos do telégrafo e do telefone, a globalização recente se faz por satélites e pelos computadores ligados na Rede Mundial de computadores – a *Internet*.

Segundo Kumar (1997), a Modernidade chega como uma luz para iluminar os pensadores e cientistas do século XVIII, favorecendo o aparecimento de grandes revoluções. Tais acontecimentos marcaram a passagem da Modernidade para a Pós-Modernidade. Cabe detalhá-los um pouco mais, pois contribuíram com mudanças substanciais nessa transição.

Entre os acontecimentos, destacam-se a Revolução Francesa e a Revolução Industrial Britânica, ocorridas em fins do século XVIII. A partir dessas revoluções, as amarras com o período Antigo, no qual o pensamento era rígido e as coisas concebidas como eternas, foram soltas nas esferas políticas, sociais e intelectuais.

O próprio sentido da palavra revolução mudou. O que antes significava o giro de uma roda fazendo algo sempre retornar ao seu ponto de partida, com a Revolução Francesa, passou a ter um sentido mais positivo e produtivo. Passou a indicar a criação de alguma coisa nova, algo nunca visto antes. Esse fato torna a Modernidade um período propenso à constante reconstrução.

A Revolução Francesa dá à Modernidade a forma de uma revolução baseada na razão, a qual irá alterar os modos de pensar, de gerar novas ideologias e novas formas de fazer ciência.

Já com a Revolução Industrial, a Modernidade adquire sua substância material; tem início a reorganização da sociedade, das normas de convivência e de produção.

À Revolução Industrial foi resguardada a qualidade de ter sido a mola propulsora responsável pela aceleração da evolução econômica. A partir desse momento, o tempo foi dividido em *antes* e *depois* da Revolução Industrial como sugere Kumar (1997, p. 94):

*“... a ligação entre modernidade e revolução mais uma vez sugere-se por si mesma tanto na esfera econômica como nas esferas política ou intelectual.” (...)*  
*“... somente com a industrialização é que a sociedade ocidental tornou-se, com*

*uma clareza crescente, uma civilização mundial. É difícil saber, e talvez inútil especular, se, sem a tecnologia industrial, a “superioridade” do Ocidente sobre todos os demais países teria se tornado tão manifesta.”*

Esse momento torna-se um marco para o início de progresso interminável. Os tempos modernos não mais eram cópias inferiores de tempos antigos; ao contrário, a Modernidade passa a mostrar os indícios de um rompimento completo com o passado, para dar lugar a um novo começo, baseado em princípios radicalmente novos. Uma passagem de Kumar (1997) traduz esse efeito do novo na construção de novas formas de pensar e agir:

*“... o passado é, na verdade, um outro país, diferente. Os modernos são diferentes dos antigos. A história muda a natureza humana, bem como as formas da vida social” (p.92).*

Se existe uma separação na história da humanidade tal como a literatura vem mostrando, podemos nos perguntar o porquê dessa divisão. A resposta a esta pergunta pode parecer banal, mas não é. Cada sociedade tem suas características próprias e, dessa forma, os recursos que devemos utilizar para analisá-las, a princípio, deverão também ser diferentes. A idéia de reinterpretação do passado para tentar explicar o presente perde sua validade; continuar a usar conceitos de uma época para tentar explicar os eventos de outra, mais recente, parece estar um pouco ultrapassado, obsoleto, ou melhor, desatualizado.

O que a Modernidade requer são novas posturas, novos modelos diante das mudanças. Para tais mudanças, faz-se necessário muito mais que uma reinterpretação de antigos conceitos; é imprescindível uma desconstrução dos velhos hábitos, dos velhos valores e das velhas regras para uma posterior reconstrução.

Reconstruir, por sua vez, vai além de uma simples interpretação ou avaliação do que foi bom ou ruim para determinada sociedade. Reconstruir pressupõe mudanças de base e, assim sendo, as regras sociais, políticas e econômicas também devem ser reformuladas. Além dessas reformulações, deve-se atentar para as características próprias daquilo que está mudando. Não se deve, simplesmente, fazer julgamentos de valor a respeito das mudanças, sejam elas positivas ou negativas. Isso porque, quando julgamos, usamos, naturalmente,

nossas vivências, conhecimentos e informações para ancorar ou comparar aquilo que, para nós, é novo ou desconhecido.

Ao fazer uso, exclusivamente, de referenciais e experiências passadas, a probabilidade de cair no mito: “panela velha é que faz comida boa” é grande. Embora preferimos dizê-la da seguinte forma: “*somente* panela velha é que faz comida boa” (grifo meu), considerar que tudo que é antigo tem mais valor, é melhor, é mais sábio, é eterno e que o novo, seja informação ou alguma tecnologia é, antes de qualquer mérito, negligenciador da conduta humana não é uma estratégia eficaz nem tão pouco eficiente para superar ou para estancar as repercussões dessa forma monocular de ver o mundo.

Se fôssemos atualizar o raciocínio da “panela velha” para os tempos atuais poderíamos dizer: “panela nova também faz comida boa. Só temos que saber *como se faz*”. E é justamente a falta dessa “receita” a causa das possíveis controvérsias entre negatividade e a positividade do discurso<sup>2</sup> em relação ao uso das novas tecnologias da informação, ao mesmo tempo, que também é o “tempero” necessário para estimular o desenvolvimento de mais pesquisas sobre o tema.

Sem tirar o mérito da Modernidade - não é essa aqui a intenção - a Revolução Industrial, naquele momento, já marcada pela luz da globalização, desencadeou uma sucessão de invenções que contribuíram em vários aspectos para o desenvolvimento social desse período. Tal desenvolvimento foi possibilitado pela evolução tecnológica já presente naquela época. Com isso, alguns inventos se destacam: pontes, túneis sob montanhas e mares, viagens aéreas supersônicas, satélites no espaço. Entretanto, o desenvolvimento tecnológico não somente otimizou a produtividade como também provocou e “temperou” mudanças a princípio invisíveis, mas que afetaram profundamente a maioria das instituições sociais: políticas, intelectuais ou familiares, em seus níveis mais íntimos.

A revolução, portanto, a que iremos nos referir na próxima seção diz respeito à Revolução das Tecnologias da Informação. Embora já tenha tomado conta de grande parte da população no que diz respeito ao seu uso, faz-se

---

<sup>2</sup> Ver: Nicolaci-da-Costa (2002a).

necessário mais conhecimento e, portanto, mais estudos sobre como a tecnologia (Internet e o computador) vem afetando a vida pessoal e profissional das pessoas.

Para finalizar, coloca-se uma indagação para a próxima seção a respeito da Modernidade e do processo de industrialização como revolucionários de toda uma época usando outra breve passagem de Kumar (1997, p.95-96):

*“A mensagem era simples: em nossos tempos, tempos modernos, só há uma maneira de sobreviver: industrializar-se. Para um mundo como um todo, tornava-se cada vez mais claro que ser uma sociedade moderna era ser uma sociedade industrial”.*

A questão que agora se coloca, parafraseando Kumar, é: “Em nossos tempos, tempos pós-modernos, só há uma maneira de sobreviver: informatizar-se. Para um mundo como um todo, torna-se cada vez mais claro que ser uma sociedade pós-moderna é ser uma sociedade digital”.

Certamente, algumas pessoas no mundo moderno foram afetadas pelo novo sentido de tempo ao considerar sua própria época como radicalmente diferente de todas as precedentes. Da mesma maneira, nossos contemporâneos estão vivenciando essas mudanças, achando que hoje o mundo está “perdido” diante do novo. Há sempre um pré-julgamento em relação aos novos tempos, o que representa uma constante “ameaça” à manutenção da ordem.

## 2.2

### A Pós-Modernidade

Muitos autores argumentam que a Pós-Modernidade teve início em meados do século XX, mais especificamente entre as décadas de 1960 e 1970.

Assim como aconteceu com a Modernidade, a Pós-Modernidade também é descrita por vários autores de diversas correntes de pensamento. Algumas dessas correntes são mais otimistas, valorizando as mudanças atuais; outras mais pessimistas, recriminando todo e qualquer tipo de avanço.

Para alguns autores citados por Kumar (1997), tais como Habermas, Wellmer, Berman e pensadores do mesmo calibre, a modernidade ainda constitui um período inacabado. Ela seria um potencial a ser realizado. Outros autores mais contemporâneos, tais como Bauman e Huysen, não consideram a pós-

modernidade um novo estágio histórico, mas sim como uma culminação da modernidade. Assim, “o pós-moderno não é o que se segue após a era moderna, mas o que se segue após o desdobramento da modernidade” (Heller, 1990, citado por Kumar p. 187), ou seja, o que cabe na pós-modernidade são os desdobramentos, o que a modernidade não deu conta de explicar ou de entender. Foi assim necessário o surgimento de outro período não necessariamente desvinculado daquele – Moderno - para dar conta dos novos conteúdos e novos questionamentos. Seguindo esse raciocínio, o que legitima a pós-modernidade então são os aspectos apontados na modernidade, mas que lá não puderam ser “resolvidos”. Tais aspectos, dessa forma, têm o caráter de continuidade na transição entre os períodos não caracterizando, portanto, uma cisão profunda.

Tomando a Modernidade e a Pós-Modernidade como dois períodos distintos, dissociados, a Modernidade apresenta características próprias e à Pós-Modernidade também é resguardada sua especificidade. Considerando tal discrepância, novas formas de análise também se tornam necessárias. O mercado de trabalho, por exemplo, tal qual se encontra hoje, está bem diferente da época da Revolução Industrial. A Modernidade, mesmo que de certa forma globalizada, caracterizou-se por laços de trabalhos bem definidos, pela produção em série entre outras. Já o mercado de trabalho na contemporaneidade é marcado por uma nova globalização, onde as relações, os espaços e o tempo destinado ao trabalho são mais flexíveis.

Os pós-modernos não negam a continuidade, mas estão mais preocupados com as possibilidades que temos hoje de usar as experiências e o conhecimento que tivemos na Modernidade de uma maneira que antes era impossível e que é possibilitado em virtude da globalização.

Nas décadas mais recentes, iniciou-se um processo vertiginoso que continua até os dias de hoje: a transição do Regime Industrial para um novo período: Globalizado e Pós Industrial, como já referenciado anteriormente.

A globalização dos mercados foi o processo, a princípio considerado de origem político-econômica, que possibilitou o intercâmbio e a troca de informações entre as nações. Em virtude desse processo, Sibilía (2002) comenta que houve o enfraquecimento do conceito de Estados-Nação, que eram regidos quase que única e exclusivamente para seu provimento. Não havia um compartilhamento aberto de idéias, de conhecimento e de mercadorias. A

globalização permitiu o “livre” acesso e, conseqüentemente, propiciou o desenvolvimento científico e tecnológico mais aberto.

O desenvolvimento acentuou-se nos anos seguintes com a introdução de diversas tecnologias digitais, visto que a tecnologia não está associada exclusivamente à Internet, mas também a utilização de serviços que começamos a usar muito antes sem percebermos que também eram tecnológicos. São eles: os cartões de crédito e débito, os caixas eletrônicos, as transferências automáticas e a informatização geral do sistema financeiro, dando origem ao que Virilio<sup>3</sup> em seu livro “Cibermundo” denomina de moeda eletrônica.

A importância do desenvolvimento científico e tecnológico das últimas décadas também é retratada por Sibilia (2002, p. 28):

*“A economia global, hoje é impulsionada pelos computadores, a telefonia móvel, as redes de comunicação os satélites e toda a miríade de gadgets teleinformáticos que abarrotam os mercados contribuindo para a produção dos corpos e das subjetividades do século XXI.”*

Mancebo (2002) também aponta a influência da globalização na organização social:

*“Os avanços tecnológicos envolvidos na globalização potencializam o circuito de trocas, diversificam os produtos, colocam os habitantes do planeta em contato mais estreito com um maior número de manifestações culturais, veiculam a diferença, o contato mais direto com ela e multiplicam o potencial da mídia em afetar as qualidades culturais das populações”. (p. 290)*

Em determinado sentido, os autores acima apresentados concordam: mudanças acompanhadas de inovações possibilitadas pela evolução tecnológica permitiram a emergência de uma nova fase, a Pós-Modernidade também conhecida de Era Digital ou Era da Revolução das Tecnologias de Informação.

Diante desta nova realidade, variados sentimentos e impactos praticamente invisíveis a olho nu, intocados até então, são a questão central deste estudo. Mesmo considerando a sociedade esteja consciente de que mudanças bruscas em nosso cotidiano oriundas da globalização, tal como o maior acesso à informação mediada pela tecnologia digital – a *Internet* pode estar mexendo com os eixos

---

<sup>3</sup> VIRILIO, Paul. Cibermundo: a política do pior, 2000.

político-econômico e cultural, não significa que os sentimentos relacionados às mesmas estejam tão claros assim.

O que se faz necessário na contemporaneidade é uma atualização das categorias de análise. Como já foi dito anteriormente, tentar explicar o presente – o pós-moderno - com teorias modernas pode, eventualmente, levar-nos a interpretações equivocadas do novo.

Embora não seja a questão principal deste estudo, é importante salientar que tais mudanças influenciaram e estão influenciando as mais diversas esferas da sociedade. A família moderna desintegrou-se, sendo substituída por uma grande diversidade de arranjos individuais; a sociedade de classes dissolveu-se, assumindo a forma de grupos e movimentos separados baseados na etnia, sexo, entre outros. Tantas mudanças vêm influenciar direta ou indiretamente a constituição dos sujeitos.

Segundo Nicolaci-da-Costa, (no prelo) uma consequência menos visível, mas central tanto do ponto de vista pessoal quanto do ponto de vista social, diz respeito às mudanças que a experiência com a *Internet* introduziu nas nossas formas de pensar.

Sendo assim, a Pós-Modernidade é também marcada por uma confusão de pensamentos e sentimentos, ora de ansiedade, ora de incerteza; afinal, se devemos seguir algum parâmetro, este não é claro. Tanto pensadores e pesquisadores contemporâneos quanto o conhecimento que é produzido pelo senso comum revelam que o mundo está em uma velocidade difícil de acompanhar e, por vezes, difícil de entender. Sensações surgidas com o advento da Pós-Modernidade são reflexos de uma sociedade que sente não ter parâmetros a serem seguidos, ou seja, não ter a famosa “receita de bolo”, é mais uma das características, típicas em momentos de transição, que atormentam o sujeito contemporâneo.

Desde o final do século XX, ouve-se uma série de declarações a respeito das mudanças que estão sendo vivenciadas: “os limites estão desaparecendo”, “a *Internet* vicia”, “as famílias estão desestruturando-se” entre outras infindáveis expressões, que vão desde as mais ingênuas às mais absurdas.

Do estudo da história humana pode-se dizer que não é somente na contemporaneidade que estamos sofrendo os impactos das mudanças. Nossos antepassados também vivenciaram tensões e conflitos gerados a partir do

desconhecido como pudemos observar no tópico 2.1. Modernidade em que Kumar caracteriza a passagem da Antiguidade para a Modernidade.

Embora ao ler o referido trecho podemos ficar um pouco confusos, chegando a nos perguntar qual período, de fato, estávamos falando, a passagem do Período Antigo para a Modernidade, como foi dito anteriormente, também trouxe mudanças significativas para as pessoas e para as sociedades que viveram naquelas épocas. Naqueles momentos, as pessoas também se assustavam e se perguntavam até mesmo de forma radical, onde o mundo iria parar. A grande questão é que o mundo ainda não parou e está em constante evolução. Qual será a diferença, então, se é que ela existe, entre a Modernidade e a Pós-Modernidade? O que marca dois períodos tão discutidos por autores contemporâneos?

A seguir, será analisado o que vem a ser a Pós-Modernidade na perspectiva de alguns autores. Será apresentada, inicialmente, a perspectiva de Meyrowitz (1999), para, em seguida, focarmos de maneira mais detalhada as diferentes visões de Bauman (2001), Sennett (1998) e Castells (1999). Tais autores foram eleitos, pois são, na atualidade, autores significativos que discutem temas representativos para este estudo, tais como: mudanças contemporâneas, tecnologias e trabalho apontando algumas categorias, por eles mencionadas, como características que qualificam a Pós-Modernidade: flexibilidade, mobilidade, perda de controle da própria vida, a diluição das barreiras e fronteiras.

## 2.3

### **Na Permeabilidade da Pós-Modernidade: viver em uma Sociedade Global**

Meyrowitz diz que todo sistema natural e social é definido por suas membranas, as quais têm como objetivo separar e deixar delimitadas as fronteiras entre as instituições sociais, tais como a família e o trabalho. Na contemporaneidade, essas membranas, segundo o autor, estão se tornando cada vez mais permeáveis, permitindo uma troca de informações muito maior que antes.

Uma das características fundamentais da Pós-Modernidade apontada por Joshua Meyrowitz (1999) é a permeabilidade do que ele denomina de Aldeia Global. Nesse novo contexto, as fronteiras relativamente impermeáveis entre as

instituições políticas, sociais e culturais estão desaparecendo para dar lugar a fronteiras permeáveis, ou seja, fronteiras que possibilitam o acesso e a interligação entre vários espaços e pessoas.

No período anterior à Pós-Modernidade, cada instituição, fosse a família ou uma empresa, tinha seu espaço delimitado, estabilizado o que proporcionava uma sensação de segurança. Hoje, com o aumento da permeabilidade, esses espaços se confundem demandando formas diferentes de lidar com as pessoas.

A idéia de “aldeia global”, sugerida por Marshall McLuhan em 1959 e citada por Meyrowitz (1999), transmite a mensagem de que estamos nos movendo para um mundo global, interconectado, homogeneizado e harmonioso. Se as sociedades estão hoje mais homogêneas, isso se deve ao fato de que suas membranas estão mais permeáveis, possibilitando, a princípio de forma “igualitária”, maior acesso às informações.

Meyrowitz (1999) denomina de “sociedade global” a sociedade contemporânea que se encontra cada vez mais globalizada a partir do contínuo progresso tecnológico, agora ainda mais reforçado pelos meios de comunicação, que proporcionam trocas de informações entre pessoas situadas nos mais diferentes locais do mundo, podendo-se, por exemplo, obter notícias em tempo real sobre acontecimentos ocorridos em países de outros continentes através da *Internet* e também conseguir mobilidade por meio da utilização de aparelhos celulares, que tornam possível conversar com qualquer pessoa, em qualquer lugar e a qualquer hora.

Porém, até por volta da década de 1940 e 1950, a maioria dos sistemas de comunicação, tais como telégrafos, telefones e rádios operavam independentemente. Da mesma maneira, a casa, o trabalho, as fábricas e lojas, as universidades e as instituições financeiras existiam relativamente em esferas separadas. Meyrowitz diz que nessa época, cada categoria social tinha seu espaço delimitado: “*Each social category had its designated “place” – social, physical, and informational*” (p.426). A crescente utilização das tecnologias da informação torna inevitável a tendência de aumentar a porosidade das membranas, provocando grandes transformações à impermeabilidade do antigo sistema social e reforçando cada vez mais a diluição dessas fronteiras.

As fronteiras estão perdendo suas velhas funções e adquirindo novas. Não cabe falarmos somente em ilhas isoladas ou aldeias isoladas. Estas estão na

atualidade fusionadas. O aumento da permeabilidade tende a mudar também nossa perspectiva de olhar as coisas que estão acontecendo ao nosso redor. Novas formas de olhar também são requeridas quando se fala de mudanças contemporâneas.

Cabe ressaltar que as novas formas não são boas nem más. O que se pode dizer é que são complexas e vão além das mudanças materiais. Abrange desde o ato da compra de um produto ou de um serviço até as mudanças mais profundas nos modos individuais de organização. Nesse sentido, Meyrovitz corrobora o pensamento de Kumar (1997, p. 171) de que as mudanças estão intimamente ligadas a mudanças internas e, portanto, são singulares: *“A revolução da informação é uma realidade e nela estamos. Afetou a maneira como vemos o mundo e como vivemos nele.”*

Dito isso, será apresentado, mais detalhadamente, como cada autor pensa este “novo” mundo e como estamos sendo afetados por ele.

## 2.4

### **O que acontece no mundo do trabalho na visão de três curandeiros**

Neste capítulo serão abordadas as mudanças que estão acontecendo na atualidade na visão de três autores, Richard Sennett, Zygmunt Bauman e Manuel Castells.

De formas distintas, cada um deles dará a este estudo relevante contribuição para a reflexão do que está acontecendo no mercado de trabalho contemporâneo devido à inserção das novas tecnologias. Embora os períodos, por eles abordados sejam, cronologicamente, os mesmos os referenciais para a base de seus raciocínios são completamente distintos.

Antes de apresentar as reflexões dos autores propriamente ditas, gostaríamos de usar, antecipadamente, uma pequena metáfora que traduz os diferentes olhares sobre uma mesma situação, ou seja, o olhar que cada um dos autores tem em relação às mudanças no mundo do trabalho e suas respectivas consequências para o sujeito. Assim, a metáfora será apresentada na ordem de apresentação dos três autores: Sennett, Bauman e Castells. Passemos a ela.

*“Era uma vez... um rei que tem uma profunda ferida que não consegue curar. Os médicos da corte não conseguem encontrar a medicação correta, então a rainha decide chamar os melhores curandeiros do mundo.*

*O primeiro curandeiro vem do Japão, e lhe é suficiente uma olhada para entender que a ferida é profunda somente porque é velha, sem nunca ter sido curada. O curandeiro japonês prepara um chá, que tem o poder de purificar o organismo de todos os depósitos que poluíram a mente e o coração, e ajuda a esquecer o que merece ser esquecido.*

*O segundo curandeiro vem da Europa e leva consigo uma pedra vermelha que contém todas as energias da terra e ensina o valor e o respeito pela natureza. A terra é de fato uma fonte de energia natural e ensina a importância da solidez, da estabilidade, da consciência, da necessidade de manter os pés no chão.*

*O terceiro e último curandeiro vem da África e o presenteia com o mapa dos territórios jamais explorados. É um mapa muito articulado, enquanto consente ao rei não só ver onde se localizam as armadilhas e obstáculos que pode encontrar, mas também vales, rios e pontes que pode atravessar para ir além, a outros lugares.”*

[Extraído da Metáfora “Os Sete Curandeiros” e adaptada para exemplificar a linha de pensamento de cada autor que será apresentado a seguir.]

Assim como cada curandeiro levou sua contribuição na tentativa de solução para o problema do rei, vejamos em que Sennett, Bauman e Castells, respectivamente, contribuem para este estudo e essencialmente, para as reflexões relativas às mudanças na sociedade contemporânea.

#### 2.4.1

##### **Richard Sennett e a corrosão do caráter**

*“Durante a maior parte da história humana, as pessoas têm aceito o fato de que suas vidas mudarão de repente devido a guerras, fomes ou outros desastres, e de que terão de improvisar para sobreviver. (...) O que é singular na incerteza de hoje é que ela existe sem qualquer desastre histórico iminente; ao contrário, está entremeada nas práticas cotidianas de um vigoroso capitalismo.” (Sennett, 2003, p.33)*

Richard Sennett, sociólogo americano, Professor da London School of Economics and Political Sciences (LSE) e da Universidade de Nova York, tornou-se um dos maiores e mais importantes críticos da globalização e das mudanças no mercado de trabalho. É autor de alguns dos livros mais celebrados das ciências sociais nos últimos anos, como, por exemplo: *“O Declínio do Homem Público”* (1988); *“Autoridade”* (2001), *“Respeito”* (2004) e, mais recentemente, *A Cultura do Novo Capitalismo* (2006).

Embora todos os seus livros, esses e outros, sejam ricos em descrições sobre o cotidiano da vida pós-moderna, a obra *“A corrosão do caráter”*, publicada em 2003, por tratar especialmente das questões relativas ao cotidiano do trabalho é a que melhor contribuirá para o estudo ora desenvolvido.

Em *“A corrosão do caráter”*, Sennett apresenta uma análise detalhada da contemporaneidade ao examinar as mudanças do mercado de trabalho e suas implicações para a vida pessoal e para a nova organização da sociedade como um todo.

O cerne da discussão de Sennett gira em torno da constituição ou formação do caráter do indivíduo, que, para ele, tem como característica central o aspecto duradouro, ou seja, o caráter é formado a longo prazo através das experiências emocionais vivenciadas nas relações interpessoais. O caráter, segundo Sennett, é formado a partir de um conjunto de características pessoais, que nós valorizamos em nós mesmos, adicionado às características através das quais queremos ser valorizados ou reconhecidos. A formação do caráter, diz Sennett, está relacionada com os vínculos duradouros que estabelecemos com as pessoas e, para isso, a lealdade e o compromisso mútuos são pré-requisitos essenciais para essa consolidação. Sem eles, os vínculos enfraquecem e se fragmentam afetando profundamente a formação e a estabilidade do caráter da pessoa.

O autor argumenta que o ambiente de trabalho no período pós-moderno, ou no capitalismo flexível como ele o denomina, com ênfase nos trabalhos a curto prazo, não permite que as pessoas vivenciem experiências de uma forma mais profunda impedindo, assim, a formação do caráter, idéia essa que demonstra, de certa forma, um exagero conceitual.

Para Sennett, é necessário um longo prazo para vivenciar uma experiência pessoal ou profissional a ponto de se estabelecer um vínculo duradouro. Dessa forma, com a velocidade com que as tarefas são feitas hoje, não é possível que as

pessoas vivenciem suas experiências de forma plena. Tão logo terminam de executar uma tarefa, por exemplo, já tem de iniciar outra. Assim, segundo ele, o caráter de qualquer pessoa tende a se desestruturar.

Se os laços de lealdade e compromisso mútuos são fatores fundamentais para a formação do caráter e somente são mantidos em um vínculo a longo prazo, como pensar na formação do caráter na lógica a curto prazo? Segundo Sennett, diante de tantas experiências superficiais, sem o desenvolvimento de vínculos mais profundos, o caráter vai sendo corroído.

Nesse sentido, preocupado na maioria das vezes com os prejuízos pessoais e profissionais causados pelo capitalismo flexível, em cada um dos oito ensaios que compõem seu livro, o autor vai contrastando as características do mundo pós-moderno - flexibilidade, insegurança, curto prazo, etc - com as características do mundo moderno - estabilidade, segurança e planejamento a longo prazo.

Para traçar esse contraponto, Sennett adota um método de pesquisa que parte de relatos sobre aspectos da vida pessoal e profissional do cotidiano de algumas pessoas para discutir um tema social. A partir dessas entrevistas, o autor faz ricas descrições do impacto que as mudanças contemporâneas no mercado de trabalho têm tido sobre as formas de organização social, pessoal e emocional das pessoas.

Sennett desenvolve seu discurso relatando fatos do dia-a-dia do trabalho. Contudo, ao longo dos seus ensaios, podemos observar o quanto os outros setores da vida também estão interligados à dinâmica do trabalho.

Logo no primeiro ensaio do livro *“A Corrosão do Caráter”* intitulado “Deriva”, Sennett descreve um encontro com um jovem profissional em uma longa viagem internacional. Nessa viagem, o autor encontra-se com Rico, filho de Enrico, que ele já havia entrevistado há 20 anos, quando escreveu um livro sobre os trabalhadores nos Estados Unidos denominado – *“Hidden Injuries Class”* (1972).

Assim, durante a viagem, Sennett vai traçando a trajetória profissional de Rico (pós-moderno) pautando-se na trajetória do pai, Enrico (moderno). A realidade atual de Rico no seu trabalho bem como as conseqüências deste na sua vida familiar e emocional são, a todo momento, comparadas àquela realidade vivenciada por seu pai no período Moderno.

Esse é o pano de fundo sobre o qual o autor tece suas observações e análises em relação a diferentes aspectos da vida cotidiana (emocional, familiar e profissional) de Rico na pós-modernidade. A partir desse encontro e da longa conversa que dela se desenvolveu, Sennett descreve as principais características que fazem a distinção entre o período Moderno e o período Pós-Moderno.

As principais características do período Moderno apontadas por Sennett podem ser listadas didaticamente da seguinte forma: tempo linear, previsibilidade, longo prazo, estabilidade, maior compromisso e lealdade nas relações interpessoais, espaços definidos para o trabalho e para a família, mercado de trabalho regido por sindicatos fortes, garantias do estado assistencialista, relativa estabilidade proporcionada pelas grandes empresas, estrutura hierarquizada das organizações e regras fixas.

Entre as características do período Pós-Moderno destacam-se: o tempo fragmentado, imprevisibilidade (não há como fazer planejamentos a longo prazo), mobilidade, desestabilização dos relacionamentos interpessoais, maior afastamento entre as pessoas, espaços menos delimitados, trabalho não mais hierarquizado, ausência de fortes sindicatos e empresas que oferecem estabilidade, segurança, garantias e finalmente, flexibilidade.

Cabe detalhar agora sistematicamente, dentre as características acima apresentadas, as mais relevantes para o estudo sobre as mudanças no trabalho na pós-modernidade.

#### **2.4.1.1**

##### **A perda de uma narrativa linear**

Na Modernidade, o tempo era linear, o que permitia que as coisas acontecessem de forma planejada, de forma tal que se conseguia acumular capital para investir em desde a compra de uma casa própria até a educação dos filhos. Na Modernidade, o tempo podia ser planejado, havia atividades certas para horas certas e, assim, tinha-se a ilusão de que a vida seguia em harmonia. Havia tempo para o trabalho, para a família, para o lazer. Além disso, poucas mudanças aconteciam no dia-a-dia de trabalho e isso dava às pessoas segurança e estabilidade. Hoje, as exigências do trabalho interferem na divisão desse tempo.

Na pós-modernidade, segundo Sennett, o tempo é fragmentado, não há como prever ou fazer um planejamento familiar com o trabalho que se tem. O uso que se faz do tempo na Pós-Modernidade é diferente e, segundo o autor, extrapola as condições humanas de utilizá-lo; as pessoas passam grande parte do seu dia trabalhando em um ou mais empregos havendo, assim, a necessidade de uma nova organização do tempo em função das características do trabalho. Como diz o próprio Sennett:

*“[talvez] o sinal mais tangível dessa mudança seja o lema “Não há longo prazo”. No trabalho, a carreira tradicional, que avança passo a passo pelos corredores de uma ou duas instituições, está fenecendo; e também a utilização de um único conjunto de qualificações no decorrer de uma vida de trabalho.”(Sennet, 2003, p. 21)*

Essas mudanças, ainda segundo Sennett, estão modificando o próprio sentido do trabalho: “empregos” estão sendo substituídos por “projetos” e “campos de trabalho” (Sennett, 2003, p. 22). É comum, por exemplo, encontrar profissionais sem emprego fixo e vínculo empregatício, sendo contratados temporariamente para projetos específicos com tempo determinado. Assim, a probabilidade de a pessoa mudar diversas vezes de emprego ao longo da sua vida ativa de trabalho é bem grande e essas mudanças podem lhe causar profundas desorganizações pessoais.

Pode-se observar que, além da não linearidade do emprego nos dias atuais, outro fator que chama bastante atenção no mercado de trabalho e que também, do ponto de vista de Sennett, causa danos na vida das pessoas é o dilema longo prazo x curto prazo, segunda característica do período Pós-Moderno, não menos importante que a anterior.

#### **2.4.1.2**

##### **Curto prazo X Longo prazo**

*“Como se podem buscar objetivos a longo prazo numa sociedade a curto prazo?”* (Sennett, 2003, p. 27). Essa característica permeia todas as atividades do cotidiano seja na vida profissional, familiar ou emocional. Para Sennett, esse novo paradigma corrói os laços de confiança, lealdade e compromisso e, conseqüentemente, o caráter do indivíduo, pois acredita que, para se construir

vínculos de compromisso e lealdade, seja com uma instituição seja com as pessoas, é necessário um “tempo” mais longo. É necessário que esses vínculos sejam duradouros, caso contrário, diz Sennett, o caráter é corroído à medida que os vínculos vão se desfazendo, fragmentando-se.

Diante da fragmentação das relações interpessoais e, conseqüentemente, do esfacelamento do caráter, as pessoas parecem estar, de acordo com as idéias de Sennett, com sua vida emocional à deriva, terceira característica no cenário das mudanças contemporâneas.

### 2.4.1.3

#### Vida emocional à deriva

Essa característica refere-se à sensação da perda de controle sobre sua própria vida, indo além da perda do poder dentro do trabalho. Há um temor da perda de controle da vida emocional. Esse sentimento diz respeito a uma desorientação diante das transformações geradas no mercado de trabalho. Conforme Sennett (2003, p. 18):

*“Por mais prósperos que estejam, no auge mesmo do casal adaptado, um apoiando o outro, marido e mulher muitas vezes receiam estar a ponto de perder o controle de suas vidas. Esse medo está embutido em suas histórias de trabalho. (...) o medo da perda de controle é direto: refere-se ao controle do tempo”.*

Estar à deriva, segundo Sennett, é estar “solto” em um mar de correntes variadas, às vezes, quentes, às vezes, frias, às vezes, fortes e às vezes, fracas, sem ter uma âncora para se apoiar. Sem ter regras claramente definidas, seja em casa ou no trabalho, as pessoas ficam com a sensação de estarem perdidas sem saber que sentido tomar em suas decisões. Na visão de Sennett, essa sensação de mal-estar estava presente no cotidiano de Rico: *“Ele temia que as medidas que precisava tomar e a maneira como tinha de viver para sobreviver na economia moderna houvesse posto sua vida emocional, interior, à deriva”* (Sennett, 2003, p. 19).

A sensação de estar sempre “à deriva”, que, de acordo com Sennett, atinge a maioria das pessoas em todas as sociedades, advém de características próprias da Pós-Modernidade como, por exemplo, a flexibilidade e a sensação de “falta” de regras.

A responsável em grande parte da desorganização emocional vivida por nós, contemporâneos, encontra-se no aumento da flexibilidade no trabalho.

#### 2.4.1.4

##### **Flexibilidade**

Flexibilidade é a capacidade de adaptar-se a um lugar, a uma situação, a alguém ou até mesmo de desenvolver várias tarefas ao mesmo tempo. Segundo Sennett, a flexibilidade dificulta a manutenção de valores e regras, que davam estabilidade financeira e emocional a homens, mulheres e crianças gerando certa aflição:

*“É bastante natural que a flexibilidade cause ansiedade: as pessoas não sabem que riscos serão compensados, que caminhos seguir. (...) Na verdade, a nova ordem impõe novos controles, em vez de simplesmente abolir regras do passado – mas também esses novos controles são difíceis de entender. O novo capitalismo é um sistema de poder muitas vezes ilegível” (p.10)*

A flexibilidade, para Sennett, dá às pessoas uma idéia falsa ou ilusória de que elas têm mais liberdade de escolha e de decisão. Na verdade, segundo ele, é uma nova forma de controle. Daí, a sensação de que o tempo livre de trabalho aumentou. Por exemplo, nas grandes empresas os funcionários não têm por regra chegar em um horário fixo ao seu trabalho, embora considerando a realidade brasileira essa realidade ainda não seja observada em sua maioria. Trabalham com a produção e o cumprimento de metas, ou seja, têm a flexibilidade de administrar seu tempo de acordo com as tarefas programadas para serem cumpridas naquele dia. Quem gerencia esse tempo em relação às tarefas é o próprio funcionário. Dessa forma, ele poderá sair mais cedo ou mais tarde do que ele esperava. No entanto, o que se observa é que as pessoas ficam trabalhando até suas tarefas do dia terminarem.

Nesse sentido, Sennett diz que há uma nova forma de controle, pois não há, necessariamente, um superior dizendo o que é ou não é para ser feito e sim a responsabilidade adquirida pelo funcionário por tal tarefa.

À medida que as organizações descentralizam o poder, eliminam as camadas hierárquicas e dão às pessoas de nível inferior mais autonomia para a tomada de decisões. Dão também, muitas vezes, em forma de benefícios e, sem

que elas percebam, aumento do número de atividades e gerenciamento de si, onde articulam responsabilidades e deveres que elas não carregavam até então. Com isso, o poder descentraliza-se, ficando cada funcionário responsável por determinada tarefa.

Com esse novo formato, as regras que regem a divisão do trabalho na Pós-Modernidade, segundo Sennett, tornam-se ilegíveis por não serem fixas e tão definidas como no período Moderno. Depois de entrar em uma empresa, por exemplo, um jovem pode assumir outras atribuições e realizar outras atividades que não estavam previstas no seu perfil. Assim, a pessoa perde o limite do que ela pode fazer, aonde ela pode chegar na sua carreira e o que se espera dela. A flexibilidade, uma das principais características atribuídas por Sennett à Pós-Modernidade, caracteriza-se por prejudicar toda uma estrutura já hierarquizada do trabalho: “*O capitalismo flexível bloqueou a estrada reta da carreira, desviando de repente os empregados de um tipo de trabalho para outro*” (Sennett, 2003, p.9).

#### **2.4.1.5**

##### **Mobilidade**

A mobilidade é outra característica do período Pós-Moderno, analisada quase que paralelamente à flexibilidade. Sennett não fornece um conceito fechado do que seja mobilidade. No entanto, podemos entendê-la como a possibilidade que um profissional tem de se locomover de um cargo e/ou de lugar para outro dentro da empresa e de uma empresa para outra.

Voltando à perspectiva de Sennett, enquanto Enrico tinha um trabalho estável, fixo e duradouro, Rico - seu filho - ao contrário, deveria ter mobilidade para permanecer no mercado de trabalho. “*Depois da formatura, em quatorze anos de trabalho Rico se mudara quatro vezes*” (Sennett, 2003, p. 17).

Além desse tipo de mobilidade, a de estar apto a mudanças entre diferentes empresas, em muitos casos as mudanças não acontecem somente no nível profissional, envolvem toda uma rede de adequações como mudar de cidade, de cultura, de hábitos, de amigos etc. Essas mudanças, segundo Sennett, desorganizam o cotidiano do trabalhador, pois, com tamanha rotatividade no

trabalho, não há como formar vínculos afetivos duradouros com seus vizinhos ou estabelecer uma verdadeira amizade.

Por vezes, o indivíduo também deverá apresentar mobilidade em relação ao lugar no qual executa sua tarefa. Hoje em dia, as pessoas não se fixam necessariamente a um espaço dentro da empresa; elas podem trabalhar nas ruas, em casa ou até mesmo visitando um cliente.

Esse parece ser, segundo Sennett, o cenário que permeia atualmente o nosso cotidiano. Tudo, ou quase tudo, que era antes não é mais. O tempo linear, o trabalho programado e planejado, a rígida hierarquização das relações profissionais, que davam estabilidade e segurança no trabalho, são categorias perdidas em um tempo que passou. A Pós-Modernidade é marcada por tudo que a Modernidade não foi e, por isso, segundo Sennett, desestrutura emocionalmente as pessoas. Em resumo, as mudanças no contexto profissional estão afetando drasticamente a natureza e as condições de trabalho, assim como a organização subjetiva dos próprios trabalhadores.

#### 2.4.2

#### Zygmunt Bauman e a Modernidade Líquida

*“A incerteza de hoje, porém, é de um tipo inteiramente novo. Os temíveis desastres que podem devastar nossa sobrevivência e suas perspectivas não são do tipo que possa ser repellido ou contra que se possa lutar unindo forças, permanecendo unidos e com medidas debatidas, acordadas e postas em prática em conjunto. Os desastres mais terríveis acontecem hoje aleatoriamente, escolhendo suas vítimas com a lógica mais bizarra ou sem qualquer lógica, distribuindo seus golpes caprichosamente, de tal forma que não há como prever quem será condenado e quem será salvo” (Bauman, 2001, p. 170).*

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, atualmente Professor de sociologia da Universidade de Leeds, está entre os maiores nomes da contemporaneidade. É autor de alguns dos livros mais lidos na atualidade, dentre os quais se destacam *“O Mal-Estar da Pós-Modernidade”* (1999), *“Globalização: As Conseqüências Humanas”* (1999), *“Modernidade Líquida”* (2001), *“Amor Líquido”* (2004) e mais recentemente, *A Sociedade Individualizada* (2008).

A maioria dos seus livros apresenta descrições e reflexões a respeito da vida pós-moderna. Bauman aborda desde aspectos mais íntimos até os aspectos

mais generalizantes sobre o cotidiano das relações pessoais: entre duas pessoas, na estruturação familiar, nas instituições, nas empresas. Como pano de fundo das análises dessas relações Bauman usa a aceleração das mudanças sociais proporcionadas pelas novas tecnologias da informação. Tais mudanças, segundo ele, acentuam a dissolução das instituições sociais e, sobretudo, dos vínculos afetivos estáveis entre as pessoas, característicos da Era Moderna.

Para não nos estendermos em longas descrições, achamos por bem, neste momento, selecionar algumas de suas obras a fim de apresentar as principais idéias do referido autor. Embora nos dois livros escolhidos, “O Mal-Estar da Pós-Modernidade, (1999)” e “Modernidade Líquida (2001)”, Bauman nem sempre aborde de maneira muito clara os conceitos que ele se propõe a discutir, consideramo-los os mais relevantes para esboçar suas principais idéias acerca da contemporaneidade.

Já que essas obras serão pano de fundo para análises posteriores a serem realizadas ao longo da presente investigação, é importante apresentar, antes de tudo, o que vem a ser Modernidade Líquida e quais são as outras denominações utilizadas por Bauman para denominar tal período. Desta obra, como na anterior, tentamos resgatar os aspectos gerais, que permitem identificar as diferenças entre os dois períodos, a Modernidade e a Pós-Modernidade, e, principalmente, aqueles que se referem à dinâmica da vida profissional.

Em “O Mal-Estar da Pós-Modernidade” (1999), Bauman diz que a marca da Pós-Modernidade é a própria "vontade de liberdade", princípio que se opõe diretamente à segurança projetada em torno de uma vida social estável e ordenada.

Deste modo, Bauman lida nos seus textos com a universalização do sentimento de medo e com a sensação de perda da ordem e da estabilidade na Pós-Modernidade. Os sentimentos de segurança e organização foram “perdidos” na passagem da Modernidade para a Pós-Modernidade.

Na mesma obra, embora Bauman não fale do trabalho diretamente, podemos fazer o uso de outra metáfora sua conhecida como “Turistas e Vagabundos”, para retratar a realidade profissional na qual ele vai caracterizando os grupos de pessoas que são e não são bem-sucedidas no mundo contemporâneo. Essas características serão melhor explicitadas mais adiante.

Mais tarde, em “Modernidade Líquida” (2001), Bauman descreve e analisa o momento em que estamos vivendo. O que ele chama de Modernidade Líquida é

o período, ainda em construção, conhecido também por Pós-Modernidade. Tem como principais características ser "leve", "líquido", "fluido" e infinitamente mais dinâmico que a "Modernidade Sólida", pois, os líquidos têm a propriedade de maleabilidade que os sólidos não têm. Os líquidos, diferentemente dos sólidos, são mais difíceis de conter e por isso não mantêm sua forma com facilidade.

Deste modo, Bauman atribui dois estados – sólido e líquido – aos períodos Moderno e Pós-Moderno, respectivamente, dizendo que, na Modernidade, as regras, os padrões, os relacionamentos eram estáveis e duradouros e que hoje, na Pós-Modernidade, não há mais regras e padrões a serem seguidos e os relacionamentos estão cada vez mais frágeis. A passagem de um período a outro, segundo o autor, acarretou profundas mudanças em todos os aspectos da vida humana e, nesta obra, ele procura esclarecer como está acontecendo essa passagem.

Bauman discorre sobre aspectos relevantes para este estudo especialmente quando analisa, embora de forma não muito direta, as mudanças que vêm acontecendo no mercado de trabalho. Para tratar desse tema, no livro "Modernidade Líquida", Bauman divide a sociedade em dois grupos: a "elite global" e os "assentados", como veremos mais a frente. Mesmo quando Bauman não discute diretamente as relações de trabalho, ele nos faz refletir e, de certa forma, nos induz a pensar em como elas estão sendo formadas e/ou reformuladas. A partir das obras citadas anteriormente, Bauman nos apresenta de diversas formas que a Pós-Modernidade é o momento que estamos vivendo. Pelo fato de os vínculos pessoais, familiares e profissionais serem fluidos, ou seja, estarem em constante mudança, esse período também é chamado por ele de Modernidade Líquida ou Modernidade Fluida.

De forma contrastante, Bauman usa o termo Modernidade Sólida para referir-se àquele período que, por ser caracterizado por regras e padrões duradouros, promovia estabilidade e dava segurança às pessoas, mas que em virtude dos avanços tecnológicos, foi sendo diluído ao longo do tempo.

Como dois estados distintos, sólido e líquido, têm reações distintas quanto aos seus efeitos nas diferentes redes de reações químicas, devemos também agir como participantes de um novo estado sob nova perspectiva, que dê embasamento para os conflitos e vivências atuais. Nesse contexto, se estamos vivendo uma nova era, como diz Bauman, o fato é que, independente da nomenclatura usada –

Líquida ou Pós-Moderna – passamos, ou ainda estamos passando, de um estado para outro, de algo que era para algo que não é mais. Esta transição, contudo, não passa despercebida pelas pessoas ou, se passa, ainda assim, pode causar profundos impactos e mudanças na forma de agir e reagir aos acontecimentos do nosso cotidiano, sejam eles pessoais, familiares ou profissionais.

Assim, se nos imaginarmos como diferentes reagentes/substâncias, cada um com suas particularidades pessoais, ao entrarmos em contato com um novo estado não conhecido, inevitavelmente reagiremos de formas diferentes, e não mais da forma padronizada e esperada quando tínhamos substâncias/situações conhecidas. Como o próprio Bauman diz, a Modernidade Líquida tem uma variedade de significados e sua chegada e avanço podem ser avaliados utilizando indicadores bem diferentes. Vejamos, então, quais são, segundo Bauman, os diferentes indicadores dessas reações humanas.

Os indicadores que Bauman utiliza para analisar diferentes setores sociais, como, por exemplo, o trabalho e a família são a fluidez, o rompimento das fronteiras, as alterações na relação tempo/espço, a mobilidade, a fragilidade das relações interpessoais, entre outros. Examinemos mais de perto cada um desses indicadores.

#### 2.4.2.1

##### **Fluidez**

Fluido é tudo que não mantém sua forma com facilidade, está mudando e tomando formas diferentes o tempo todo:

*“os fluidos não fixam o espaço e nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas ‘por um momento’” (Bauman, 2001 p. 8).*

Pela facilidade de movimentação que os fluidos apresentam, Bauman nos faz pensar que estamos propensos, como nunca havíamos imaginado antes, a constantes e imprevisíveis mudanças ao longo de nossas vidas, tais como: a forma

como nos comunicamos com um amigo ou com um parente, a possibilidade de fazer negócios – compra e venda – sem necessariamente estarmos conversando face a face com um cliente entre muitas outras possibilidades. A fluidez é, portanto, uma das mais importantes características da Modernidade Líquida. A fluidez está presente em praticamente todos os setores da vida social: nas instituições, nos relacionamentos, nas práticas profissionais etc.

#### 2.4.2.2

#### Relação tempo/espaço

Para Bauman, este é outro ponto diferenciador que marca a fronteira entre a Modernidade Líquida e a Modernidade Sólida.

O autor diz que, na Modernidade Líquida, a relação tempo/espaço mudou devido à evolução tecnológica. Essa evolução, que encontra sua concretização principalmente na *Internet*, mudou não somente os tipos de relações tempo/espaço que estamos vivenciando na atualidade, mas, sobretudo, como as estamos vivenciando.

Na Modernidade Sólida, as pessoas separavam seu tempo para o lazer, para o trabalho e para a vida em família, ou seja, tinha-se a sensação de que a atribuição de tempo a cada um dos espaços era padronizada e adotada pela sociedade como um todo. Assim, quando uma pessoa saía pela manhã de seu lar para o seu trabalho, ou, à tarde, quando retornava, a sensação era de haver dois ambientes “totalmente” separados pela distância física. De forma semelhante, as pessoas pareciam ter a sensação de dedicação exclusiva a cada ambiente em que elas se encontravam. Analisando hoje essa dinâmica, será que essa sensação de total separação entre os espaços acontecia mesmo na Modernidade? O que faz as pessoas pensarem hoje que essa ordem era vivida somente na Modernidade? O que fazia com que as pessoas tivessem essa sensação de separação entre trabalho, lazer e vida pessoal?

Na Modernidade Líquida, a organização tempo/espaço mudou. Por que mudou? Bauman não diz claramente, mas deixa transparecer nas entrelinhas que as Tecnologias da Informação e Comunicação são responsáveis por tais mudanças. Devido à inserção dessas tecnologias, como, por exemplo, a *Internet*, o tempo atribuído a cada espaço tornou-se flexível, ou seja, mesmo estando em seu

lar, as pessoas podem estar trabalhando para “adiantar” algum projeto atrasado para que no horário “oficial” de trabalho ela possa dar conta de outras coisas. O que determina o tempo e local onde será realizada cada tarefa ou atividade vai depender muito mais das necessidades e da disponibilidade das pessoas em relação ao trabalho, ou à sua família do que da padronização de regras pré-estabelecidas, ou seja, não é por não estar fisicamente no local de trabalho que a pessoa não pode trabalhar. Agora, o contrário é sempre mais difícil pensar: não é porque a pessoa está no seu local de trabalho que ela não pode se divertir.

Para exemplificar essa situação, podemos analisar um trabalho específico e, por sinal, bem particular, o de professor, como poderíamos pensar, a partir da perspectiva de Bauman, as dinâmicas profissional, familiar e de lazer? A prática dos professores, de forma geral, independentemente das novas tecnologias da informação ou de qual nível de docência se encontra lecionando, já acontece de forma líquida, misturada. Nesse sentido, os professores, ao longo de sua atividade docente, pelo menos até onde sabemos, sempre tiveram o seu lar como continuidade de seu trabalho, seja planejando uma aula, corrigindo trabalhos, formulando testes ou ainda elaborando e pensando coisas novas para apresentar aos seus alunos.

Atualmente, com o advento da *Internet* e de outras tecnologias, a forma como os professores trabalham também mudou. Alguns professores participam de grupos de discussão *online* com seus alunos para tirar dúvidas. O professor pode receber um trabalho ou um comunicado através do seu e-mail, pode preparar e organizar suas aulas no computador e reformulá-las quando achar necessário etc. São várias as possibilidades. Mais tarde, quando retornarmos a esse texto, juntamente com as análises das entrevistas feitas especialmente para este estudo com os próprios professores, poderemos discutir de fato a situação.

A facilitação de comunicação, de troca de informações, de estabelecimento de contatos, proporcionada pelas novas tecnologias de informação e telecomunicação veio, como foi dito anteriormente, alcançar todas as áreas do cotidiano contemporâneo. Entretanto, em alguns momentos, o autor concentra-se na descrição dessas mudanças, especificamente no que diz respeito ao mercado de trabalho. Para isso, ele fala do surgimento do “espaço extraterritorial”.

A partir de sua concepção de extraterritorialidade, Bauman divide a população profissional do mundo em dois grandes grupos em função de seu

acesso ao novo espaço: o da elite global ‘dos negócios e da indústria cultural’ e o da maioria assentada. Segundo ele, a elite global é extraterritorial e detém o capital e o poder. Somente a elite global tem acesso às tecnologias e, por viver uma realidade tão diferente daqueles que não têm esse acesso, os assentados, essa elite estaria vivendo em um mundo paralelo. Os assentados são as pessoas comuns do nosso dia-a-dia, que habitam o espaço territorial sujeitos às dificuldades do cotidiano. A elite global e poderosa vive no espaço extraterritorial, com todos os recursos tecnológicos disponíveis no mercado. Aos trabalhadores comuns, os assentados, cabe a vida territorial, menos nobre e escassa de recursos tecnológicos.

Com a existência desse novo espaço, possibilitado a partir da estrutura tecnológica, a dinâmica tempo/espaço é outra. Há, agora, um espaço que não é mais fixo, territorial, amarrado a um espaço construído concretamente. O “espaço extraterritorial” se diferencia especialmente pela mobilidade, ou seja, pela possibilidade de estar em diferentes lugares, em tempo igual ou menor do que era possível estando fixo a um lugar.

Para exemplificar, podemos pensar em um gerente de alto escalão de uma grande empresa. O seu cargo de gerente não diz respeito ao comando somente de um grupo ou de um cargo. Ele, simultaneamente, coordena vários projetos, vários grupos que não, necessariamente, estão na mesma empresa. Fisicamente falando, às vezes, nem mesmo estão em uma mesma cidade ou país. Todo o seu trabalho é realizado em trânsito, através de um celular ou da *Internet*, entre um aeroporto e outro ou entre uma reunião e outra.

É sabido que a *Internet* e a telefonia móvel não são as únicas tecnologias existentes na atualidade. Há aquelas, como o rádio e a televisão, que hoje passam despercebidas por nós como “grandes” tecnologias, mas que vieram também ao seu tempo trazer mudanças significativas na vida em sociedade. Todas essas tecnologias favorecem a reorganização tempo/espaço, mas sem dúvida a *Internet* e a telefonia móvel vieram trazer mais velocidade e, sobretudo, um tipo de comunicação mais interativa, permitindo maior mobilidade das pessoas na contemporaneidade. Através da *Internet* ou de um aparelho celular, pode-se entrar em contato com as pessoas em tempo real, dar um recado, falar com quem se ama ou até resolver negócios de trabalho à distância, acessando ou sendo acessado de qualquer lugar, a qualquer hora por qualquer pessoa.

### 2.4.2.3

#### Diluição das fronteiras

Entende-se por fronteira uma linha consistente que dá contorno e delimita um espaço qualquer. Um dos fatores que mais trazem preocupação a Bauman na Modernidade Líquida é o derretimento dessas sólidas fronteiras. O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da Modernidade Líquida, implica a dissolução, entre outras coisas, das fronteiras, que eram fixas e estáveis. As fronteiras que delimitavam diferentes espaços proporcionavam ordem e estabilidade às pessoas na Modernidade Sólida.

Na Modernidade Fluida, segundo Bauman, acontece o pior, o que não podia ou não se imaginava acontecer: com o advento das tecnologias da informação e comunicação, as fronteiras entre os espaços foram rompidas e, por isso, a forma de organização econômica, cultural, profissional, pessoal e outras tende a se modificar. Bauman diz que esses espaços tendem, na Modernidade Líquida, a se misturar, já que não são mais delimitados por fronteiras agora “derretidas”. Com a Internet, o telefone móvel, as teleconferências, não estamos mais presos a fronteiras geograficamente estabelecidas; podemos tomar decisões, compartilhar reuniões, palestras transmitidas simultaneamente de qualquer lugar do mundo.

O uso do computador e da *Internet*, por exemplo, possibilitou que várias pessoas, especialmente a faixa etária jovem, aumentasse ainda mais o intercâmbio com outros jovens de outros países, contato que muito tempo atrás era permitido somente às pessoas que tinham condições de viajar para o exterior. Assim, de dentro de suas casas, crianças, jovens e adultos conhecem e conversam com outros de vários lugares do mundo.

Ao mesmo tempo em que estamos livres das amarras territoriais, homens, mulheres e crianças se defrontam com a ausência de fronteiras que, pelo menos, se não os protegia totalmente, davam a sensação de segurança e, além disso, a sensação de que os espaços eram mais delimitados:

*“[Os nômades] podem buscar refúgio em seus lares, mas dificilmente acharão lá o isolamento, e por mais que tentem nunca estarão verdadeiramente em casa: os refúgios têm paredes porosas, onde se espalham fios sem conta e que são facilmente penetradas por ondas aéreas”.* (Bauman, 2001, p. 178).

Essa configuração da sociedade, segundo Bauman, ainda é nova e está sendo aperfeiçoada. Já que novas configurações estão emergindo, faz-se necessário também a criação de novas regras para gerir espaços que se tornaram fluidos.

Podemos relembrar aqui o exemplo dado anteriormente das diferentes reações químicas. Quando duas ou mais substâncias ou reagentes entram em contato, formam uma nova solução. A resultante, então, será a formação de um novo estado, com novas especificações, que deverão ser explicadas e definidas com uma fórmula própria. Nesse momento poderíamos indagar: reações químicas entre duas substâncias conhecidas nas mesmas condições não resultam em uma mesma solução? As reações podem ser realizadas com segurança e previsão de seus resultados? Até poderíamos, com ressalvas, dizer que sim, se fôssemos no âmbito das ciências químicas. Contudo, na Modernidade Líquida, essas reações, não são sempre as mesmas e não duram por muito tempo; estão sempre sendo estimuladas por reagentes diferentes: nós, seres humanos.

A fórmula encontrada para explicar o novo estado Moderno Líquido deuse, segundo Bauman, a partir da reformatação do que foi derretido da Modernidade Sólida:

*“Derreter os sólidos era sentido como derreter minério de ferro para moldar barras de aço. Realidades derretidas e agora fluidas pareciam prontas para serem recanalizadas e derramadas em novos moldes, onde ganhariam uma forma que nunca teriam adquirido se tivessem sido deixadas correndo nos próprios cursos que tinham cavado” (Bauman, 2001, p. 165).*

#### **2.4.2.4**

##### **Mobilidade**

A mobilidade é mais uma das categorias centrais da Modernidade Líquida. Segundo Bauman, o movimento desconhece obstáculos e está intimamente relacionado com a velocidade, com a idéia de leveza e inconstância e com a obsolescência de tudo. Assim, tudo que era tido na Modernidade Sólida como seguro, fixo e previsível, perde sua segurança, permanência e previsibilidade na Modernidade Líquida. Há o surgimento do que Bauman denomina de “espaços extraterritoriais”. Nesse novo espaço, não há outra opção senão movimentar-se.

Esse movimento não necessariamente está ligado ao deslocamento da pessoa física, mas sim à possibilidade de mobilidade através de uma infra-estrutura tecnológica.

A mobilidade ao Homem na Modernidade Sólida, diz Bauman, estava restrita às suas próprias pernas, às pernas de algum animal ou qualquer outro meio de transporte. Essas eram as ferramentas de que o Homem dispunha para garantir seu movimento. O que acontece nos dias atuais é que o Homem passou a contar com outros tipos de recursos, notadamente com a *Internet* e o telefone móvel, que Bauman considera meios artificiais de mobilidade, mas que são ferramentas de poder e de dominação na atualidade. Como vimos na divisão que Bauman faz na sociedade, a elite global detém o poder sobre a classe assentada por ser privilegiada de recursos tecnológicos e, por isso, pode fluir/transitar entre lugares.

Bauman nos afirma que o que importa hoje é estarmos plugados no que está acontecendo e, além disso, podermos movimentar-nos nos ‘espaços extraterritoriais’ Partindo desse pressuposto, ele afirma, como vimos anteriormente, que nem todos têm acesso a essas tecnologias e que, conseqüentemente, não desfrutam dessa mobilidade.

Para explicar e ilustrar a divisão social entre os que têm e os que não têm acesso aos “espaços de fluxos”, Bauman, em seu livro “O Mal-Estar da Pós-Modernidade” usa a metáfora “turistas e vagabundos”. Embora ele não esteja, nesta metáfora, falando diretamente da categoria mercado de trabalho e sim da vida contemporânea de modo geral, podemos fazer uma associação com outra divisão da sociedade, anteriormente citada e também por ele formulada, em que Bauman fala a respeito da categoria trabalho de forma mais específica: a divisão entre a “elite global” e os “assentados”.

Assim, poderíamos comparar a “elite global” ao que ele vai descrever a partir de agora como sendo os “turistas” e os “assentados” como os “vagabundos”. Em ambas as divisões e comparações feitas por Bauman, as categorias menos favorecidas, no caso os assentados e os vagabundos, pelo acesso às novas tecnologias da informação e da comunicação, são sempre submissas e direcionadas a partir dos grupos mais favorecidos, os turistas e a elite global.

Passamos então a definir o que é para Bauman essa nova divisão: os “turistas”, privilegiados e os “vagabundos”, que vivem ao seu serviço.

Os “turistas” são aqueles que recusam qualquer forma de fixação, passam todo o tempo movimentando-se e fazem isso por escolha própria. Isso significa dizer que os “turistas” detêm o poder sobre sua própria vida. Vincular-se a um território, assumir responsabilidades a longo prazo, estar fixo e, portanto, imóvel são situações evitadas a todo custo. A mobilidade que é atribuída aos turistas lhes permite que mudem de roteiro sem aviso prévio, mas sempre almejando a melhoria na qualidade do que estão fazendo.

Já os “vagabundos” são “luas escuras que refletem o brilho de sóis brilhantes; são os restos do mundo que se dedicaram aos serviços dos turistas” (Bauman, 1999, p. 117). O “direito” de movimentação que eles têm não é uma opção de vida, mas sim uma necessidade de sobrevivência. Mesmo assim, existem restrições nos espaços em que eles podem perambular. Seus sonhos e fantasias se resumem a atividades quaisquer, geralmente envolvendo tarefas consideradas humilhantes pelos turistas, mas que precisam ser feitas por alguém. Assim, a funcionalidade dos “vagabundos” resume-se em servir aos “turistas”. De acordo com Bauman (1999, p. 119-120):

*“É difícil viver em suas imediações, [a dos vagabundos], mas é inconcebível viver sem eles. São suas privações gritantes demais que reduzem as preocupações das pessoas com as inconveniências marginais”.*

Fixar-se em um lugar, portanto, não é produtivo, mas alguém ocupa esse lugar, os vagabundos. Levando esse raciocínio para o campo do trabalho, Bauman nos induz a pensar que os turistas são os trabalhadores bem-sucedidos, que dispõem dos recursos tecnológicos e que têm, por esse motivo, maior controle sobre suas ações. Os vagabundos são os trabalhadores menos favorecidos desses recursos e, portanto, os que sempre realizam outros tipos de trabalho, que possam ser realizados em lugares fixos. O reduto territorial retarda o movimento ou mesmo exclui sua possibilidade, portanto, não é mais triunfo, mas um fardo e uma desvantagem fixar-se em um trabalho que não possibilite movimentação. Fixação se torna sinônimo de baixa produtividade, baixo rendimento e, sobretudo, de obsolescência. Voltaremos, em outro momento, a analisar com mais propriedade os impactos que a mobilidade tem provocado nas pessoas e na consequente reestruturação do trabalho.

### 2.4.2.5

#### Fragilidade dos relacionamentos

Segundo Bauman, a lealdade e o compromisso são características da Modernidade. Antes sólidas, elas começam a derreter. Derreter os sólidos, como foi dito anteriormente, significa, nas palavras de Bauman, “(...) *antes e acima de tudo, eliminar as obrigações ‘irrelevantes’ que impediam a via do cálculo racional dos efeitos*” (Bauman, 2001 p. 10). Essa definição mais uma vez nos permite explicar outras características que faltam à Modernidade Líquida: a lealdade e o compromisso. Essas características eram sólidas na Modernidade e transmitiam a sensação de parceria e estabilidade irrevogáveis e que, hoje, fazem parte do processo de derretimento contemporâneo. Se na Modernidade Líquida essas características são “derretidas”, conseqüentemente, os vínculos e laços de lealdade e compromisso entre as pessoas tornam-se frágeis.

Embora Bauman fale de todos os tipos de relacionamento: a família, o trabalho, os relacionamentos afetivos nas organizações de modo geral, o autor nos leva a pensar que a fragilidade dos vínculos de lealdade e compromisso pode também acarretar sérios problemas no âmbito do trabalho; dos mais visíveis, como a desintegração da instituição, aos mais invisíveis, como a fragilidade emocional das pessoas que nela trabalham. Assim, Bauman explicita:

*“(...) essa forma de ‘derreter os sólidos’ deixava toda a rede de relações sociais no ar – nua, desprotegida, desarmada e exposta, impotente para resistir às regras de ação e aos critérios de racionalidade inspirados pelos negócios (...)” (Bauman, 2001, p. 10).*

Com isso, Bauman acredita que estamos vivendo o fim da ‘era do engajamento mútuo’. O afastamento proporcionado pelas tecnologias da informação dentro das empresas faz com que o ‘espírito de equipe’ e os relacionamentos interpessoais entre os funcionários, por exemplo, tornem-se frágeis, podendo até chegar ao desaparecimento. O autor entende esse afastamento como sinônimo de fuga, desvio, evitação de assumir compromissos, uma efetiva rejeição de qualquer confinamento territorial. Dessa forma a tecnologia não chegou para “ajudar” na solução de problemas, mas sim para facilitar a fuga, o descompromisso das pessoas entre si e com as tarefas a serem solucionadas. A

instituição se torna fragilizada à medida que alguns funcionários não estão mais, em virtude da mobilidade, fisicamente dentro da empresa, fixos a um espaço. Essa falta de fixação, a longo prazo, fragiliza os laços de lealdade e compromisso e, conseqüentemente, a instituição. Levando o pensamento de Bauman sobre a fragilização dos relacionamentos para o campo do trabalho, poderíamos dizer que os funcionários considerados “a elite global” são os pilares da estrutura da empresa. Isso nos induz a pensar que se esses pilares estão fora do seu lugar ou fora do seu espaço de sustentação, a probabilidade de desestruturar a ordem é grande, podendo atingir conseqüências catastróficas como a total desestruturação da empresa.

Essas características apresentam, segundo Bauman, o retrato fiel do contexto atual que estamos vivendo. Sendo a nossa uma realidade líquida, que escorra pelas nossas mãos como água, certamente não passará despercebida e será vivenciada por nós contemporâneos de forma singular. Já que estamos vivendo em um contexto social em transformação torna-se necessário saber como as pessoas estão lidando com essas novas experiências no seu cotidiano de trabalho.

### 2.4.3

#### **Manuel Castells e a Sociedade em Rede**

Dentre os autores que vêm estudando as recentes transformações mundiais desde a década de 1970, destaca-se o sociólogo espanhol Manuel Castells (Castells, 1999a). Atualmente, atua como professor de Comunicação da Universidade da Califórnia Meridional e vem escrevendo sobre as mudanças sociais, principalmente aquelas originadas a partir do advento das novas tecnologias da informação.

Entre suas principais obras destacamos a trilogia “*A Sociedade em Rede*”, composta pelos seguintes volumes: “*A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*” (1999a), “*O poder da Identidade*” (1999b) e “*Fim de Milênio - Tempo de Mudança*” (2000). Destacamos, ainda, “*A Galáxia da Internet*” (2003), livro mais recente que Castells publicou.

Na maioria dos seus livros, Castells mapeia o cenário histórico-social desde a Revolução Industrial até os dias atuais marcados pela inserção das Novas

Tecnologias da Informação (NTI) e como estas interferem nas estruturas sociais, tais como as famílias, as empresas, as escolas, enfim, as instituições de modo geral. Castells faz um resgate histórico dos acontecimentos mundiais e das mudanças sócio-econômico-culturais que ocorreram paralelamente ao surgimento do que ele mesmo denomina de Era da Informação ou Sociedade da Informação.

Castells, em algumas de suas obras, analisa com profundidade as mudanças que estão ocorrendo no mundo do trabalho. São estas mudanças que serão priorizadas nesse estudo. Para que o leitor compreenda o contexto no qual o mercado de trabalho está inserido faz-se necessário apresentar o que é, segundo Castells, a Sociedade em Rede. Considerando que o trabalho está imerso nessa sociedade que se estrutura em rede descreveremos brevemente algumas de suas características, para depois, entrar no âmbito do trabalho propriamente dito.

Castells denomina a sociedade atual de Sociedade em Rede porque, segundo ele, a estrutura social presente na sociedade contemporânea é similar a de uma rede. Assim, rede é um sinônimo para as complexas redes de relacionamentos interpessoais vividos na contemporaneidade. Para Castells, os relacionamentos interpessoais são verdadeiras redes que conectam uma pessoa a outra e assim sucessivamente.

Segundo Castells (1999a), a rede é "um conjunto de nós interligados" (voltaremos a falar desses nós quando falarmos de espaços de fluxos). As redes sempre serviram às atividades humanas, como na pesca, por exemplo. Atualmente, essas redes ganharam uma nova vida ao converterem-se em redes de informação, impulsionadas pela *Internet*. Assim como as redes (no seu sentido primeiro) possuem nós interligados, as redes de computadores também os têm. Podemos utilizar o desenho de rede para entendermos, em parte, o que vem a ser a Sociedade em Rede. Digamos "em parte", pois a rede formada na Sociedade em Rede é muito mais complexa do que qualquer outro "objeto rede" que possamos imaginar, porque fazemos parte dela com nossas singularidades. Assim, podemos definir, de forma bem simples, a Sociedade em Rede como aquela em que as pessoas podem estar interconectadas através de seus computadores pessoais ou profissionais, facilitando, conseqüentemente, a troca de informações e conhecimento. Esse conceito de rede aplicado às relações humanas talvez seja a mais importante contribuição teórica de Castells.

Essa interconexão é possibilitada pelas novas tecnologias da informação como, por exemplo, a *Internet*. Para compreendermos melhor a passagem de uma era em que não havia *Internet* para outra onde esta tecnologia passa a ser a principal ferramenta/meio de comunicação da contemporaneidade, gostaríamos de apresentá-la brevemente baseada nos conceitos de Castells.

Segundo o autor, *Internet* é uma rede de computadores interligados que permite, pela primeira vez, a comunicação entre muitas pessoas ao mesmo tempo e em uma escala global, ou seja, as pessoas podem se falar quando quiserem, com várias pessoas ao mesmo tempo, em qualquer lugar do mundo em que estejam.

Assim, a *Internet* surgiu, sobretudo, devido a uma demanda social. Com isso, Castells quer dizer que, à medida que as pessoas em sociedade foram precisando se comunicar, relacionar-se de uma forma mais veloz e em tempo real, tecnologias foram sendo desenvolvidas para suprir essas necessidades:

*“A famosa idéia de que a Internet é algo incontrolável, libertário etc, está na tecnologia, mas porque ela foi desenhada, no curso de sua história, com essa intenção. Quer dizer, é um instrumento de comunicação livre criado de forma múltipla por pessoas, setores e inovadores que queriam que fosse um instrumento de comunicação livre. Nesse sentido, devemos ter em mente que as tecnologias são produzidas por seu processo histórico de constituição e não simplesmente por desenhos originais da tecnologia” (Castells, 2003, p. 262).*

Dada a importância que Castells dá à inserção das novas tecnologias da informação em nossa atual sociedade e considerando, de forma resumida, que a *Internet* se configura a partir de vários computadores interligados formando uma rede, Castells denomina a nossa sociedade de “Sociedade em Rede”. Veremos, a seguir, com mais detalhes, outras características da nova sociedade em rede e, conseqüentemente, as vantagens e desvantagens do uso das novas tecnologias da informação segundo Castells.

As novas tecnologias da informação estão, segundo Castells, redefinindo os processos de trabalho, a estrutura ocupacional e, portanto, a organização dos trabalhadores. É importante notar que Castells, ao falar do grande impacto que a revolução informacional está tendo no trabalho, não exclui a estrutura organizacional que já existia antes desta. Assim, Castells afirma que não é a tecnologia em si a única causa dos procedimentos e situações atuais encontradas no trabalho. A organização do trabalho dentro de uma empresa vai depender de um conjunto de fatores tais como decisões administrativas, sistemas de relações

entre empresas, ambiente institucional e outras; ou seja, vai depender da história daquela empresa.

Porém, o uso dos computadores em rede pelos profissionais dentro das empresas aconteceu de modo gradativo. Algumas décadas foram necessárias para chegarmos a usar os computadores como estamos usando hoje. Em se tratando do âmbito do trabalho, houve um processo de aprimoramento da tecnologia e, talvez, mais que isso, houve a aceitação por parte de alguns profissionais de que a demanda crescente do mercado de trabalho exigia que mais profissionais, até o momento não especializados, começassem também a tomar conhecimento da tão sofisticada tecnologia.

Como falamos anteriormente, todo esse processo de aceitação e adaptação do uso dos computadores não aconteceu de uma hora para a outra. Segundo registros encontrados em Castells (2006), esse processo data por volta das décadas de 1960 e 1970 quando se começou a usar as novas tecnologias somente dentro das empresas. Nessa época ainda não existiam os microcomputadores e os famosos PC's, computadores pessoais. Nesse período, mesmo dentro da empresa, notava-se uma hierarquização quanto ao uso dos computadores. O uso dos computadores era centralizado em alguns especialistas da área de informática que usavam *mainframes*, ou seja, supercomputadores que tinham a capacidade de processar grandes lotes de dados, de informações. Assim, somente profissionais de algumas áreas específicas tinham acesso a esses dados.

Com o tempo, já na década de 1980, surgiram os microcomputadores, máquinas menores que também processavam dados, mas agora, eram utilizados por outros funcionários encarregados, especificamente, pelo processamento de dados. Nesse momento, os microcomputadores começaram a ser usados associados às telecomunicações, o que permitiu o início da formação das redes entre os computadores de vários escritórios, ou seja, pessoas que estavam no computador em um escritório tinham acesso às informações de computadores que estavam em outro escritório. Dessa forma, as pessoas começaram a perceber que os processos de trabalho ficavam mais ágeis e fáceis de serem solucionados, pois uma vez que qualquer pessoa dentro da empresa tinha acesso a determinadas informações ela mesma poderia solucionar o problema, ao contrário de antes, quando se dependia de um pequeno grupo especializado.

Juntamente com essa abertura para outros profissionais ao uso da tecnologia, houve a necessidade de especialização dos mesmos. Já que mais trabalhadores usavam as máquinas, a própria estrutura da empresa teve que se reorganizar. Daí surge a expressão que conhecemos até hoje como regente do mercado de trabalho: a empresa em rede. O que se pode perceber hoje no mercado de trabalho é um processo que vem desenvolvendo-se mais fortemente desde a década de 1990 que é, exatamente, a fortificação e o surgimento de vários espaços (escritórios) de trabalho. Esses espaços foram possibilitados pela integração em rede de um número muito maior de computadores interagindo entre si, se compararmos ao número existente no início do processo, e ainda com *mainframes*, formando uma rede interativa entre os profissionais capazes de processar a informação, comunicarem-se e tomarem decisões em tempo real. Assim, surge na atualidade o que conhecemos ou ouvimos falar de “espaço virtual de trabalho” ou “escritórios virtuais”.

A partir dessa nova lógica organizacional (em rede), surge um novo trabalhador que cada vez mais adquire autonomia para tomadas de decisão embasadas nos arquivos de dados disponíveis nos computadores da empresa.

O fato é que as novas tecnologias da informação estão mexendo com conhecidos e reconhecidos cargos tradicionais dentro de uma empresa, o que propicia o surgimento de outros. Cargos que até hoje eram estáveis, fixos e que, de certa forma, davam a sensação de estabilidade às pessoas estão deixando de existir para dar lugar a cargos mais flexíveis, que permitam maior mobilidade das pessoas que ocupam tais cargos, requerendo das mesmas o conhecimento de saber lidar com situações rápidas, fluidas e a curto prazo. O planejamento a longo prazo ficou difícil de ser executado na Era da Informação, pois as rápidas mudanças no trabalho exigem dos trabalhadores a rápida mudança de planos.

Dessa forma, o perfil profissional da Sociedade em Rede é muito mais variado que antes. Além disso, hoje em dia, temos uma diversidade de profissões que, até pouco tempo, não pensávamos que fossem existir um dia. Porém, nem todas as profissões que surgiram nos últimos anos estão vinculadas diretamente às novas tecnologias da informação, mas, possivelmente, foram afetadas indiretamente por elas. Por outro lado, há profissões que sofrem influências indiretas das novas tecnologias como, por exemplo, aquelas que necessitam de recursos materiais produzidos a partir delas: uma determinada peça ou a

confeção final de um produto. Assim, usando ou não, de alguma forma, as tecnologias não passam despercebidas.

Castells nos chama a atenção para um fenômeno interessante que está ocorrendo na contemporaneidade em relação a esses profissionais. Os trabalhadores estão passando por um processo de transformação que Castells denominou de individualização do trabalho. Os profissionais estão, cada vez mais, munidos das novas tecnologias, tomando decisões sozinhos, solucionando problemas e até mesmo prestando outros serviços fora do seu horário oficial de trabalho.

A descentralização de tarefas possibilitada pelas novas tecnologias permite que os profissionais, de uma forma interativa e à distância, possam se comunicar com outros profissionais de qualquer lugar do mundo. Com isso, como o profissional depende de si mesmo, ele tende a ganhar maior mobilidade com as novas tecnologias, pois pode trabalhar independentemente de ter um local fixo de trabalho. Há, talvez, um espaço físico onde ele possa voltar no fim do dia para guardar seu material, mas isso não ocorre necessariamente. O que acontece, muitas vezes, é que ele sai no início da manhã de casa e só volta ao anoitecer. Seus contatos profissionais são feitos durante todo o dia de qualquer lugar em que ele esteja. Ele pode, por exemplo, por telefone, agendar ou desmarcar outro serviço enquanto está na casa de um cliente.

Visto esse panorama, gostaríamos de destacar, da obra de Castells, algumas categorias do trabalho relevantes para este estudo e que, embora ele as aborde de forma não muito clara, apontam para as transformações que estão ocorrendo no trabalho devido às novas tecnologias da informação. Vejamos cada uma delas: papel da informação, relação tempo/espaço, flexibilidade, diluição das barreiras e mobilidade.

#### **2.4.3.1**

#### **O papel da informação na sociedade contemporânea**

Informação é, segundo Castells, a mola propulsora do mercado de trabalho na contemporaneidade. De maneira geral, podemos observar, no nosso cotidiano, o quanto as pessoas necessitam estar mais informadas acerca do que acontece no seu grupo social e no mundo. Quando entramos no âmbito do trabalho, essa

demanda pela busca de informação não só cresce dia após dia como se torna a ferramenta mais disputada no mercado de trabalho. Nesse contexto, Castells nos mostra o papel que a informação alcança na sociedade contemporânea, sobretudo no campo profissional.

Antes, a informação era gerada com o fim maior de se produzir algo novo, ou seja, o produto final era a tecnologia. Atualmente, a informação é o produto principal de toda negociação, toda movimentação, seja no campo econômico, político ou educacional.

Com isso, Castells nos induz a pensar que, hoje, o lema do mercado de trabalho é: “quem tem a informação está na frente”. Dessa forma, há uma busca quase que inalcançável de informações a fim de se obter maior produtividade, de maximizar a produção de um produto novo e colocá-lo no mercado antes que seus concorrentes. Seguindo essa idéia, pode-se dizer que a “informação” é a maestrina que rege o ritmo do cotidiano de trabalho na contemporaneidade.

Talvez, um dos meios que está sendo mais frequentemente usado para troca de informações seja a Internet. Um exemplo seria a interconexão entre várias empresas para desenvolver um produto X. Com essa tecnologia, várias empresas podem trocar informações para maximizar a realização e a eficiência de algum produto. Alguns *softwares* e programas web, por exemplo, ficam com seus códigos abertos na rede para que os desenvolvedores (profissionais da informática e telecomunicações) possam ter acesso às informações e, a partir de um ponto determinado, continuem a desenvolver, melhorando cada vez mais a qualidade do produto.

Outro ponto que pode ser observado em relação ao trabalho é que, considerando que quem tem informação está melhor preparado para entrar no mercado de trabalho, algumas empresas vêm se especializando para oferecer cursos de informática, de *Internet*, de programação de sites para as mais variadas faixas etárias e para diferentes demandas. Tudo isso para tentar dar conta da necessidade de as pessoas se atualizarem e se estabelecerem no mercado de trabalho.

A nova tecnologia da informação está, na visão de Castells, redefinindo os processos de trabalho, o perfil dos trabalhadores e, conseqüentemente, o emprego e a estrutura ocupacional. Nesse contexto, são fatores essenciais de produtividade e competitividade no mercado de trabalho contemporâneo uma mão de obra bem

qualificada. Assim, em um mercado de trabalho que “sofre” constantes mudanças faz-se necessário a contínua atualização e a qualificação dos profissionais.

### 2.4.3.2

#### Relação tempo/espaço

Castells considera a análise do espaço e do tempo essencial quando falamos de mudanças promovidas pelas tecnologias da informação no mundo do trabalho. Segundo ele, é essa relação que permeia todas as atividades no nosso dia-a-dia, especialmente as profissionais. Diz Castells:

*“Tanto o espaço quanto o tempo estão sendo transformados sob o efeito do paradigma da tecnologia da informação e das formas sociais induzidas pelo processo atual de transformação histórica” (Castells, 2006, p. 467).*

Em se tratando do trabalho, Castells afirma que, na contemporaneidade, a relação tempo e espaço está mais flexível. Por exemplo, a possibilidade que muitas pessoas têm, hoje, de trabalhar em sua própria casa, característica principal dos profissionais liberais, foi viabilizada a partir do surgimento da empresa integrada em rede. Assim, as pessoas podem resgatar informações que estão no computador da empresa ou mesmo enviar um relatório feito de última hora. Atualmente, o aperfeiçoamento das tecnologias da informação adicionado às demandas do trabalho permite os profissionais trabalharem em qualquer lugar do mundo. A esse fenômeno Castells (1999a) denomina descentralização do local de trabalho.

Vivendo em uma sociedade em rede, cada vez mais cresce a necessidade de se trabalhar também em rede. Ao contrário do que se pensava quando surgiram as novas tecnologias da informação, que as pessoas iriam trabalhar mais em suas casas, elas possibilitaram muito mais do que isso, elas possibilitaram que as pessoas trabalhem cada vez mais em espaços diferentes, dando a elas maior mobilidade. Surge o que Castells vai denominar de *“escritório móvel, escritório portátil, a circulação do indivíduo sempre conectado à Internet, em distintos pontos físicos do espaço”* (Castells, 2003, p. 265).

Assim, o diretor de uma empresa pode gerenciar vários projetos ao mesmo tempo sem estar necessariamente fixo a um local de trabalho, ou seja, em uma

sala, fisicamente falando. Além disso, ele pode precisar de que lhe enviem um documento para uma reunião que acontecerá, naquele momento, em outro país e muitas outras situações.

A mobilidade do trabalho, ou seja, a possibilidade de trabalhar em vários espaços não é privilégio de todos os profissionais. Castells faz uma diferenciação dos profissionais que a têm a seu favor - profissionais que têm acesso ao espaço de fluxos - e os que não a têm - profissionais que ocupam o espaço de lugares.

Já que novas configurações do trabalho surgem e, conseqüentemente, novas relações se estabelecem, Castells aponta um novo conceito de espaço de trabalho que consideramos de grande relevância na sua teoria para entender as mudanças atuais do mercado de trabalho - o *espaço de fluxos*, como já foi mencionado. Segundo Castells (1999a), espaço de fluxos é a nova lógica que rege a organização do espaço no trabalho, ou seja, atualmente, a vida profissional das pessoas funciona sob uma nova lógica espacial:

*“Nossa sociedade está construída em torno de fluxos: fluxos de capital, da informação, fluxos de tecnologia, fluxos de interação organizacional, fluxos de imagens, sons e símbolos. Fluxos não representam apenas um elemento da organização social: são a expressão dos processos que dominam nossa vida econômica, política e simbólica. (...) Por fluxos entendo as seqüências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade.” (Castells, 1999a, p. 501).*

Podemos entender o espaço de fluxos como um novo espaço que surge na contemporaneidade. É um espaço onde há, literalmente, o fluxo de informações. Pode-se dizer que o surgimento desse novo espaço se deu graças à inserção das novas tecnologias da informação.

Para entender melhor esse novo espaço, utilizaremos o contraponto que o próprio autor faz para caracterizá-lo: espaço de lugares e espaço de fluxos.

Na definição de Castells, *“lugar é um local cuja forma, função e significado são independentes dentro das fronteiras da contigüidade física.”* (Castells, 1999a, p. 512). Nesse local denominado lugar ainda se pode perceber a existência de fronteiras e, por isso, tende a ter regras, padrões, hábitos e crenças particulares bem definidos e que, por terem essa característica, proporcionam às pessoas a sensação de segurança.

Para ele, “*as elites são cosmopolitas, as pessoas são locais. O espaço de poder e riqueza é projetado pelo mundo, enquanto a vida e a experiência das pessoas ficam enraizadas em lugares, em sua cultura, em sua história.*” (Castells, 1999a, p. 505).

As pessoas, então, vivem segundo uma lógica local que tem suas regras “conservadas” pelas fronteiras. Em contrapartida, Castells diz que o mercado de trabalho parece girar em torno de uma lógica de fluxos. No espaço de fluxos, acontece o contrário. O fluxo nos transmite a idéia de movimento constante. O conhecimento e as informações são renovados e disponibilizados para as pessoas a todo momento. No espaço de fluxos, tudo está interconectado e as fronteiras que delimitavam os espaços perdem sua função na contemporaneidade.

Dessa forma, o espaço de fluxos dá uma nova forma à organização espacial das elites gerenciais dominantes, ou seja, daquele grupo que tem acesso às novas tecnologias. As elites exercem funções de direcionar as pessoas que fazem parte do espaço de lugares. A teoria do espaço de fluxos parte da suposição implícita de que as sociedades são organizadas de maneira assimétrica e em torno de interesses dominantes específicos da elite. Assim, em cada instituição, há basicamente dois grupos de trabalhadores: a elite, que ocupa o espaço de fluxos e tem o poder de solucionar os problemas por ter acesso às informações, e os trabalhadores de modo geral, que ocupam o espaço de lugares e estão sempre presos a um local e ao cargo que ocupam.

Outro exemplo na mudança da relação tempo/espaço está no surgimento de outros espaços de trabalho. A partir do uso das novas tecnologias da informação, há empresas, por exemplo, que se desenvolveram e fazem suas tramitações de compra e venda unicamente pela *Internet*, fazendo desta uma ponte entre o vendedor e o comprador. Um site específico, por exemplo, é aquele que comercializa livros. Os itens (os livros) e suas especificações estão lá, expostos em um catálogo virtual - *online* - que pode ser acessado a qualquer hora de qualquer lugar. As pessoas entram no *site*, fazem uma busca pelo nome do autor, título da obra ou editora, verificam se o livro desejado está disponível ou não e, depois, ainda escolhem a forma de pagamento que, muitas vezes, é feita por cartão de crédito e, por fim, escolhem a forma de recebimento do produto.

Essa não é a única forma de se comprar ou vender um livro, mas, certamente, é uma nova forma. Mesmo que indiretamente, ou melhor, mesmo que

não estejamos vendo o vendedor e nem apalpando o produto como faríamos em uma loja, pessoas estão envolvidas nesse trabalho, desde o primeiro acesso do cliente ao site até a sua entrega.

Enfim, esses são somente alguns dos inúmeros exemplos existentes na reorganização do trabalho. Nesse ponto de vista, as novas tecnologias da informação vieram modificar o trabalho, pois permitem conectar escritórios, residências em uma área muito extensa, facilitando o trabalho em qualquer lugar em que a pessoa esteja. Por outro lado, essa reorganização do tempo em função dos vários espaços que a pessoa ocupa nem sempre é tão fácil.

### 2.4.3.3

#### Flexibilidade

Característica da Sociedade em Rede a flexibilidade contribuiu para uma nova forma de agir e se torna mais visível quando trata das mudanças ocorridas no mercado de trabalho.

Castells diz que a flexibilidade é uma das transformações mais importantes produzidas nas relações de trabalho:

*“A estrutura reticular da empresa; o rápido ritmo da economia global e a capacidade tecnológica que permite o trabalho on-line, tanto para indivíduos quanto para empresas, contribuem para o surgimento de um esquema flexível de emprego” (grifo meu) (Castells, 2004, p.122).*

A idéia de trilhar uma carreira profissional previsível, trabalhando sempre na mesma empresa/instituição, tendo condições contratuais de trabalho fixas comuns a quase todos os trabalhadores e fazer planejamento a longo prazo são princípios que se tornam cada vez mais distantes da realidade contemporânea. A estrutura pré-estabelecida é coisa do passado.

Se antes as regras e os padrões eram fixos e isso dava segurança e estabilidade às pessoas (mesmo que essas sensações não fossem reais), na Sociedade em Rede, ao contrário, a soberania é da flexibilidade. Quanto mais flexível for uma pessoa, quanto maior sua capacidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo, quanto maior for a sua capacidade de adaptação a situações novas, melhor.

No âmbito profissional, a flexibilidade, hoje, tornou-se um pré-requisito para ser selecionado e entrar em uma empresa. Em muitos jornais, encontramos anúncios escritos desta forma: “*Precisa-se de pessoas que tenham flexibilidade e capacidade de solução rápida de problemas...*”. Além disso, na maioria das vezes, exigem-se anos de experiência profissional.

O que parece acontecer na atualidade é que a experiência exigida não é mais tanto do conhecimento técnico da pessoa. Parte-se do princípio que esta já esteja capacitada tecnicamente. A exigência atual se refere à capacidade que a pessoa tem de saber lidar com diferentes situações ao mesmo tempo e ter um resultado eficiente. Assim, o que faz a diferença, hoje, é justamente a flexibilidade que cada pessoa tem no que se refere ao trato com as pessoas, a estar aberta a mudanças, ao uso de novos recursos tecnológicos, a fazer alianças estratégicas interorganizacionais e outras.

Na Sociedade em Rede, a estrutura de trabalho tradicional, como mostrada no parágrafo anterior, vem sendo deixada de lado para dar espaço à estrutura flexível. Para exemplificar, hoje, há o trabalho temporário, a subcontratação e as consultorias. Todas essas são novas formas de relação profissional que são estabelecidas na atualidade. No caso das consultorias, as pessoas são contratadas para realizarem um determinado trabalho e, logo que terminam, são remanejadas para outro trabalho/projeto, que poderá ser na mesma empresa ou não.

A flexibilidade adquirida na vida profissional a partir das novas tecnologias da informação proporciona mobilidade às pessoas, permitindo que trabalhem em diversos lugares. Dizemos diversos lugares porque a pessoa pode trabalhar em vários lugares mesmo, pois não deve dedicação exclusiva a uma determinada empresa. Além disso, a pessoa não precisa estar necessariamente em um determinado espaço físico para a realização do seu trabalho; ela está, agora, no espaço de fluxos.

#### 2.4.3.4

### Mudança nos relacionamentos

Muitas coisas já foram ditas sobre a Internet, coisas terríveis, tais como que ela isola as pessoas, que as deixa alienadas, que causa danos irreparáveis às crianças e jovens e, principalmente, que a *Internet* destrói os laços e os vínculos familiares, pessoais, e fragiliza os vínculos de compromisso e de responsabilidade no trabalho.

Apesar de tudo que já foi dito, para Castells, a *Internet* não modifica a base/estrutura dos relacionamentos. Ele diz que, se um relacionamento vai bem, com a *Internet*, a probabilidade é de ficar ainda melhor. Mas, se o relacionamento é ruim, com a *Internet*, ele irá continuar igualmente ruim. O mesmo acontece com os relacionamentos dentro do trabalho, com um adicional: com as novas tecnologias da informação as pessoas ficaram muito mais dinâmicas e acessíveis em seu trabalho. Elas podem trocar informações, conhecimentos, dúvidas com pessoas que não necessariamente conhecem pessoalmente. Esse fato, entretanto, não traz de forma alguma prejuízos à empresa, tampouco ao trabalhador. Na verdade, é uma nova forma de se relacionar e de trocar informações, que tem aumentado o rendimento nas pequenas e grandes empresas.

Dessa forma, a *Internet* não acaba com os relacionamentos nem os torna mais frágeis. O que irá influenciar na continuidade ou não dos relacionamentos está diretamente relacionado à capacidade ou à habilidade que cada pessoa tem em manter os vínculos, seja on-line ou off-line.

Diz (Castells, 2003 p. 273):

*“(...) aquilo que as pessoas faziam, elas continuam fazendo com a Internet para quem as coisas andavam bem, ficaram ainda melhores, e para quem elas iam mal, continuam igualmente ruins. Quem tinha amigos também os tem na Internet e quem não os tinha, tampouco os tem na Internet”.*

Assim, tanto *online* como *offline*, espera-se que tenhamos um contato razoavelmente frequente para que os vínculos não enfraqueçam. O que nos leva a pensar que a fragilização dos relacionamentos entre duas ou mais pessoas não é exclusiva da “vida *online*”. Ela pode acontecer também na “vida *offline*”, o que reforça o pensamento de Castells quando diz que, provavelmente, se uma relação

de amizade, afetiva ou profissional for forte, a tendência é manter-se forte com as novas tecnologias. Ao contrário, se ela for fraca ou ruim tenderá a uma fragilização. E isso também acontece fora da *Internet*, ou seja, na vida real.

Como podemos pensar, então, que a Internet afasta as pessoas e torna seus relacionamentos frágeis se ajuda a solucionar problemas, aproxima e agrupa cada vez mais profissionais que moram e trabalham em lugares extremamente distantes? Quanto a isso Castells diz:

*“(...) à medida que se desenvolvem em nossa sociedade projetos individuais, projetos para dar sentido à vida a partir do que se é e do que se quer ser, a Internet possibilita tal conexão, ultrapassando os limites físicos do cotidiano, tanto no lugar de residência quanto no trabalho, e gera redes de afinidades”* (2003, p. 274).

O que acontece muitas vezes, a exemplo das grandes empresas multinacionais, é que sua sede está em um país e suas empresas ficam espalhadas pelo mundo. Eventualmente, alguns diretores ou funcionários de alto escalão viajam para suprir algumas necessidades que, certamente, já tentaram ser resolvidas por outros meios, por exemplo, pela *Internet*. Há várias empresas instaladas no Brasil com sede nos Estados Unidos. Nesse caso, é sabido que alguns de seus funcionários fazem um treinamento de 15 dias, uma vez por ano na sede principal. Além disso, quando algum funcionário tem alguma dúvida ou está tendo dificuldades de solucionar um impasse ele pode, na mesma hora, se interconectar com seu “parceiro” de trabalho nos Estados Unidos ou até mesmo na Nigéria.

#### **2.4.3.5**

##### **Diluição das fronteiras**

Como já foi dito, fronteira é o limite entre duas áreas, regiões, espaços, cidades, países, etc. Percebemos bem e todos nós estudamos em geografia as fronteiras entre uma cidade e outra, entre um país e outro. Mas, pouco estudadas e dificilmente percebidas, são as fronteiras estabelecidas dentro de uma estrutura social, familiar ou organizacional.

Na Sociedade em Rede, Castells registra a diluição de algumas dessas fronteiras, sejam elas geográficas, reais ou virtuais.

Essa diluição, segundo ele, tem origem na inter-conexão das tecnologias da comunicação, mais especificamente dos computadores interligados em rede. Mas como isso acontece?

A rede se ramifica e faz conexões entre inúmeras pessoas onde quer que elas estejam. A rede permite a troca e a transmissão de informações e desconhece os limites/barreiras geográficos. Assim, vários profissionais se utilizam desse recurso para fazerem contato com pessoas de outra empresa e até de outro país.

Dessa forma, as novas tecnologias da informação estão trazendo algumas mudanças no mercado de trabalho, sobretudo na transformação do modelo de comunicação da empresa e em base material sobre a qual se produz esta mudança, e vem afetar o próprio trabalho. Entre essas duas características, gostaria de destacar a primeira, pois é onde podemos ter, visualmente, a noção da estruturação do trabalho na contemporaneidade.

A empresa em formato piramidal, hierarquizada, com produção em série cede lugar a uma empresa em formato de rede, mais ramificada. Hoje, ao contrário da pirâmide hierárquica de cargos frequentemente reconhecida em algumas empresas tradicionais, vemos uma empresa em forma de rede, mais horizontal que vertical, propiciando maior mobilidade e flexibilidade de comunicação aos trabalhadores. É importante dizer que as empresas e as instituições tradicionais, de forma piramidal, não sumiram como um todo. Elas ainda tentam sobreviver e, talvez, diríamos que é preciso que elas sobrevivam, mas este não é o ponto em discussão.

Esta nova configuração foi possível devido à interconexão dos computadores em rede. Com a *Internet*, por exemplo, temos uma nova plataforma, um novo lugar, onde tudo que era feito antes pode continuar sendo feito agora, só que com algumas mudanças. Para citar outros exemplos, hoje, um profissional, que não tem tempo de ir ao banco porque não consegue sair do escritório ou porque está sempre viajando a negócios pode pagar suas contas, falar e tirar suas dúvidas com o gerente da sua agência *online*, fazer compras, trocar informações e muitas outras possibilidades. Tudo isso porque a conexão entre os computadores permite essa veloz dinâmica.

O diretor de uma empresa ou de uma universidade era dificilmente acessado. Ele tinha a sua sala ou seu escritório e esse espaço lhe dava certo afastamento das pessoas que ficavam abaixo dele. Sendo assim, eles só se

encontravam com seus subordinados eventualmente, em algumas reuniões que eram marcadas pelos próprios diretores. Antes dos problemas ou dúvidas chegarem até o diretor, passavam pela secretária, pelo coordenador ou pelo gerente e somente depois, em última instância, o problema chegava ao seu conhecimento. Atualmente, mesmo quando uma pessoa é “barrada” na porta do escritório ou da sala do diretor, ela pode acessá-lo através dos recursos tecnológicos disponíveis. A qualquer momento, por exemplo, esse diretor pode ser acessado por e-mail, o que antes, em uma empresa de estrutura hierarquizada sem a infra-estrutura tecnológica, não acontecia.

Para finalizar, gostaríamos de reforçar que, a partir das categorias propostas por Castells, pode-se observar que as tecnologias da informação possibilitam reorganizar a sociedade e, sobretudo, o trabalho. A *Internet* se tornou o meio de comunicação, de interação, que proporciona uma nova forma de organização social. Permite “conectar” escritórios, empresas, residências e serviços. Entre outras mudanças, permite-nos o contato com diferentes pessoas simultaneamente.

Diante das transformações possibilitadas pelas novas tecnologias da informação, deve-se ter outro olhar, diferente daquele que unifica, através de uma teoria, um conjunto de novas formas e novas atitudes. Na contemporaneidade, fazem-se necessárias novas teorias para tentar explicar algo que é novo, que pertence ao hoje e não mais ao ontem. Pode-se dizer que devemos deixar de lado o olhar “côncavo”, aquele olhar que direciona as idéias ou as soluções para um ponto único e certo, e substituí-lo por um olhar “convexo”, amplo, aberto às novas mudanças e aos novos acontecimentos. Talvez, assim, possamos entender melhor o que está acontecendo no trabalho contemporâneo. Mesmo que o olhar sobre a atualidade seja convexo, não podemos dizer que não há regras, que a sociedade agora é um caos total; novas regras são criadas e mudadas em um processo contínuo de transformação social.

Segundo Castells (2003, p.265), “a sociedade se apropria das tecnologias, adaptando-as ao que a própria sociedade faz”. A tecnologia, portanto, não surgiu desvinculada da sociedade, mas se desenvolve de acordo com sua demanda e necessidades. Não podemos pensar a produção da tecnologia como via de mão única; a tecnologia não foi algo que se implantou na “Terra” isenta de qualquer influência. À medida que a tecnologia foi sendo desenvolvida, seu uso se tornou

mais difundido na sociedade que, por sua vez, maximiza o seu uso e estimula o surgimento de novas tecnologias. Assim, podemos dizer que a relação entre sociedade e tecnologia é uma via de mão dupla; ao mesmo tempo em que a tecnologia é desenvolvida pela sociedade, ela interfere nas relações sociais, o que nos remete à idéia apresentada no início desta seção.

#### **2.4.4**

#### **Integrando as idéias: Tentando achar uma química entre os três curandeiros**

Passamos a apresentar, a partir de agora, uma tentativa de integração das idéias de Sennett, Bauman e Castells a respeito das mudanças que estão ocorrendo no trabalho, embora todos os autores tenham uma visão mais ampla sobre as mudanças que estão ocorrendo na sociedade.

Pelo alto grau de heterogeneidade que apresentam, as obras destes autores resistem a classificações e análises simplistas. É possível, contudo, agrupá-las em dois eixos: de um lado as Teorias Pós-Modernas com Richard Sennett e Zygmunt Bauman e de outro lado a Teoria das Tecnologias da Informação proposta por Manuel Castells.

Sennett, Bauman e Castells abordam as mudanças de forma dualista, propondo a ruptura entre dois períodos na história do trabalho na sociedade embora, como já foi dito anteriormente, o referencial de cada um dos autores seja diferente.

A esses períodos tão distintos, Sennett, Bauman e Castells nomeiam da seguinte forma: Modernidade/Pós-Modernidade, Modernidade Sólida/Modernidade Líquida e Sociedade da Informação ou Contemporaneidade, respectivamente.

A partir desse momento, adotaremos o termo contemporaneidade para designar o período atual, em que estamos vivendo. Faremos referências aos termos Modernidade, Pós-Modernidade, Modernidade Sólida e Líquida quando forem necessários para apontar um ou outro pensamento referente a Richard Sennett e Zygmunt Bauman.

Para facilitar o entendimento do leitor, reunimos as idéias de Sennett, Bauman e Castells e as apresentamos agora, categoria por categoria, mesmo que nem todas tenham recebido a mesma nomenclatura pelos autores.

#### **2.4.4.1**

##### **Relação tempo/espaço**

Bauman, Sennett e Castells concordam que, na atualidade, os profissionais podem trabalhar em diferentes lugares. Eles não estão mais, obrigatoriamente, fixos ao local físico da empresa. Bauman e Castells indicam o surgimento de novos espaços de trabalho que foram possibilitados a partir das novas tecnologias da informação: o espaço extraterritorial e o espaço de fluxos respectivamente e, embora não tenham natureza física, estão mexendo, significativamente, no conceito de trabalho.

Com o surgimento desses espaços, os profissionais ganham agilidade e o trabalho ganha velocidade, pois esses espaços são utilizados para a troca de um grande fluxo de informações e conhecimentos entre as pessoas.

Em relação a Sennett, pode-se dizer que ele não sugere, como Castells e Bauman, o surgimento de um novo espaço, mas deixa claro que as mudanças ocorridas no trabalho estão permitindo aos profissionais trabalharem em vários lugares que, até então, não se imaginava. Com isso, a distribuição de tempo atribuída a cada tarefa estará relacionada à demanda do mercado de trabalho.

Os autores indicam que tempo e espaço, na contemporaneidade, estão confusos e misturados, estão sem os limites que lhes davam sentido. Na atualidade, o tempo atribuído aos vários espaços que ocupamos é muito diversificado. Não há um padrão pré-estabelecido de quanto tempo se deve dedicar ao trabalho, à família ou ao lazer; ou seja, o tempo se tornou mais flexível e varia, portanto, de acordo com as demandas profissionais e pessoais. O que se pode perceber, muitas vezes, é que o trabalho “invade” os outros espaços. Dessa forma, as pessoas têm a sensação de certo descontrole em relação à sua vida profissional e, conseqüentemente, pessoal.

#### 2.4.4.2

#### **Diluição das Fronteiras**

De maneira geral, Sennett, Bauman e Castells concordam que as fronteiras estão deixando de existir. Expressão usada prioritariamente por Bauman, a “diluição de fronteiras” diz respeito à progressiva erosão das barreiras fisicamente encontradas entre diferentes espaços que dificultavam, por exemplo, o acesso das pessoas umas às outras e também às informações.

Com a diluição das fronteiras (no caso, as hierarquias de uma empresa), os espaços tendem a se misturar, visto que não há mais barreiras geográficas que os limitem. A comunicação dentro da empresa ficou mais dinâmica e não só as pessoas ficaram mais acessíveis, como também as informações, mas não é bem assim que Bauman e Sennett pensam.

Os autores concordam que, na contemporaneidade, há uma transformação da empresa de formato piramidal em uma empresa mais horizontal e ramificada. Assim, os cargos de alto escalão podem, a partir das novas tecnologias, acessar ou serem acessados por qualquer outra pessoa de dentro da empresa. Essa comunicação não fica somente no limite geográfico da empresa. Ela vai muito além dos muros físicos da empresa, possibilitando contatos com qualquer pessoa em qualquer lugar que ela esteja.

#### 2.4.4.3

#### **Mobilidade**

Apesar de Sennett não falar da influência das tecnologias da informação como base da mobilidade e nem nos oferecer um conceito fechado sobre o que seja, ele e os outros autores concordam que ela produz mudanças significativas no mercado de trabalho. Além disso, os autores concordam que a mobilidade tem relação com a mobilidade física que o trabalhador deve adquirir para novas estruturas dentro do seu próprio ambiente de trabalho, de um trabalho para o outro, ou seja, de um espaço para outro.

Apesar dessas “possíveis” vantagens, Sennett nos aponta para as dificuldades mais profundas e íntimas que a reorganização do trabalho, possibilitada pela mobilidade, pode gerar na vida pessoal, tais como: mudanças de

cidade, de amizade, de vizinhos etc. Essas mudanças no trabalho, então, requerem mudanças de outra ordem; que abrangem mudanças profissionais até mudanças mais íntimas afetando, inclusive, os vínculos de compromisso e lealdade estabelecidos entre as pessoas. Aliás, para Sennett e Bauman, um dos grandes prejuízos em estar sempre mudando de trabalho ou de ambiente de trabalho é a frequente mudança que também acontece nas relações interpessoais, ou seja, nos vínculos estabelecidos entre as pessoas. Já para Castells, a mobilidade incrementou, positivamente, o mercado de trabalho.

Apesar dos transtornos causados na vida profissional e pessoal, Sennett considera a mobilidade uma característica marcante da contemporaneidade e fundamental para se manter no mercado de trabalho. Os três autores concordam quanto à mobilidade no sentido geográfico, mas somente Bauman e Castells corroboram a idéia, explicitamente, sobre a força que a mobilidade ganhou no trabalho a partir da inserção das novas tecnologias digitais.

#### **2.4.4.4**

#### **Fluidez**

Embora esta seja uma categoria apresentada por Bauman, podemos fazer um paralelo ao que Sennett diz sobre a perda de uma narrativa linear e a Castells, quando fala, rapidamente, de situações fluidas. Essa associação veio do seguinte raciocínio: como já foi dito, “fluidez” é o estado que caracteriza a contemporaneidade. Se o fluido é conhecido como aquele estado que tem dificuldade de manter sua forma e muda, a todo momento, os espaços de trabalho e as relações contemporâneas não se mantêm por muito tempo. Assim, de modo geral, os autores concordam que a fluidez afeta vários aspectos no espaço de trabalho.

Seguindo as idéias desses autores, o novo panorama funcional revela uma situação de total insegurança, em que os velhos padrões estão se desestruturando e os novos ainda não são estáveis, pelo contrário, na contemporaneidade as regras e as barreiras que delimitavam os espaços estão “fluidificados”, revelando uma crise do mercado de trabalho.

Podemos nos remeter ao que Sennett diz sobre a perda da narrativa linear na Pós-Modernidade. A perda, segundo Sennett, é de algo que era estruturado,

linear e que dava estabilidade às pessoas. Sem uma organização que seja estruturada e estável e que, ao contrário, são fluidas e estão constantemente mudando, as pessoas perdem a referência de como agir em determinadas situações.

Castells (1999a, p. 289) por sua vez fala de “situações fluidas” que resistem à generalização e à padronização, ou seja, estão constantemente mudando, só que, ao contrário de Sennett e Bauman, essa constante mudança, para Castells, é característica primordial do mercado de trabalho na contemporaneidade. Pode-se dizer que as situações fluidas nascem justamente a partir do fluxo de informações possibilitado pela interconexão dos computadores em rede, ou seja, as trocas e os acessos às informações em “situações fluidas” impulsionam, segundo Castells, o mercado de trabalho.

#### **2.4.4.5**

#### **Flexibilidade**

O termo flexibilidade aparece mais frequentemente nos textos de Sennett e Castells. Já Bauman, através do termo fluidez, transmite-nos a idéia de movimento, maleabilidade e de algo que não é fixo, tampouco rígido.

Os autores concordam que a flexibilidade afetou o mecanismo do mercado de trabalho. As mudanças proporcionadas pela flexibilização do trabalho foram, entre outras, a mudança na própria estrutura da empresa, como foi dito anteriormente. A empresa ficou mais flexível; de uma hierarquia rígida a uma reestruturação mais ramificada. Com essa nova configuração, os trabalhadores também foram atingidos por essa flexibilidade: eles podem fazer várias coisas ao mesmo tempo e, além disso, podem organizar melhor seu tempo de trabalho de acordo com as tarefas que lhes são atribuídas ou que surgem imprevisivelmente.

Mesmo que, muitas vezes, os sentidos atribuídos pelos autores ao termo sejam um pouco confusos, tanto Sennett quanto Bauman apontam a flexibilidade como negativa e que traz prejuízos a todos os campos da vida social, seja na família, no lazer ou na vida profissional. Para esses autores, flexibilidade é um conceito que está sendo muito usado no mercado de trabalho, mas que sua funcionalidade é ilusória, pois, na verdade, quando as empresas descentralizam o poder na tomada de decisões e o repassam para os funcionários, elas não estão

somente passando o poder de decisão, mas toda a responsabilidade que a elas se refere. Desse modo, há o surgimento de medos e ansiedades por não saber lidar ainda com algo novo, flexível, ou seja, com tarefas que, a princípio, não faziam parte do perfil do cargo ocupado pelo funcionário.

#### **2.4.4.6**

#### **Relacionamentos**

Os autores concordam que os relacionamentos e os vínculos de trabalho foram modificados na contemporaneidade. Se, por um lado, as mudanças possibilitaram a aproximação das pessoas (Castells), por outro lado, fragilizam os vínculos entre as pessoas (Sennett e Bauman).

Mais uma vez Castells tem uma opinião diferente das de Sennett e Bauman, sendo estes mais pessimistas e aquele mais otimista. Bauman concorda com Sennett no que diz respeito às mudanças no mercado de trabalho: seus danos são quase que irreparáveis e afetam, sobretudo, o vínculo entre as pessoas.

Na contemporaneidade, os laços de compromisso e lealdade estabelecidos nas relações de trabalho estão cada vez mais fracos. A tendência do espírito de equipe dos trabalhadores é tornar-se frágil, o que pode chegar ao ponto até de desestruturação da própria empresa.

Para Bauman, o engajamento mútuo, bem como os sentimentos de lealdade e compromisso presentes no período Moderno, foi “derretido” pela nova configuração do trabalho na Pós-Modernidade, o que dificulta a manutenção dos vínculos.

Para Castells, as novas tecnologias vêm contribuir para reforçar os vínculos pessoais, sociais e, sobretudo, os profissionais. O distanciamento físico/geográfico entre as pessoas, que inclusive existe independente de qualquer tecnologia, não é negativamente avaliado. Ao contrário, para Castells, a distância não é significativa, pois, hoje, podemos nos comunicar à distância através dos computadores ligados em rede. Para este, a nova estrutura organizacional em rede possibilita que as pessoas façam melhores negócios e, conseqüentemente, aumentem sua produtividade e a rentabilidade da empresa.

Pode-se dizer que, segundo os autores, de uma maneira ou de outra, é impossível não notar os impactos que as novas tecnologias da informação têm sobre o cotidiano das pessoas.

Para finalizar este capítulo, gostaríamos de dizer que, em um contexto geral, a *mudança* é o fator central de preocupação para todos os autores e, nesse sentido, homens e mulheres da sociedade contemporânea estão tendo que construir e aprender novos valores e hábitos em função das novas referências do mercado de trabalho.

A desconstrução de antigos paradigmas para a construção de novos é, embora saudável, muito complexa. A rede de crenças, valores, ideais, desejos e expectativas que temos começou a ser formada antes mesmo de nos darmos conta de quem éramos como seres humanos. Assim, não se deixa completamente uma vivência, uma experiência para trás para dar início a outras. Emocionalmente, não há uma ruptura tão clara assim das experiências que tivemos antes das que estamos vivendo agora. Há uma continuidade natural dos acontecimentos e cada pessoa irá percebê-los de forma singular.

Novas situações são vivenciadas e sentidas no novo cotidiano. Estarmos vivendo em um contexto diferente não implica em total abandono do anterior e tampouco significa que tenha sido bom ou ruim. Da mesma forma, visualizando as inovações propostas pelos autores na contemporaneidade, nada nos garante que realmente o que virá pela frente será melhor ou pior. Como nas palavras de Moran (1997):

*professores e alunos se relacionam com a Internet, como se relacionam com todas as outras tecnologias. Se são curiosos, descobrem inúmeras novidades nelas como em outras mídias. Se são acomodados, só falam dos problemas, da lentidão, das dificuldades de conexão, do lixo inútil, de que nada muda.*

No próximo capítulo, serão descritas algumas transformações que uma categoria profissional – a dos professores do ensino superior – estão sofrendo.

Levando as mudanças no trabalho, apontadas pelos autores, para, especificamente, o trabalho docente, surgem vários questionamentos dentre os quais o mais central destacamos: como os professores de ensino superior lidam com as mudanças que ocorrem ao longo da sua vida profissional? Como os

professores de ensino superior estão lidando com as novas tecnologias no seu trabalho? O que eles estão sentindo?

Para isso, apresentaremos algumas pesquisas que foram realizadas em relação ao trabalho desses professores a fim de mostrar o que vem sendo produzido nessa categoria profissional.